



481

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

21

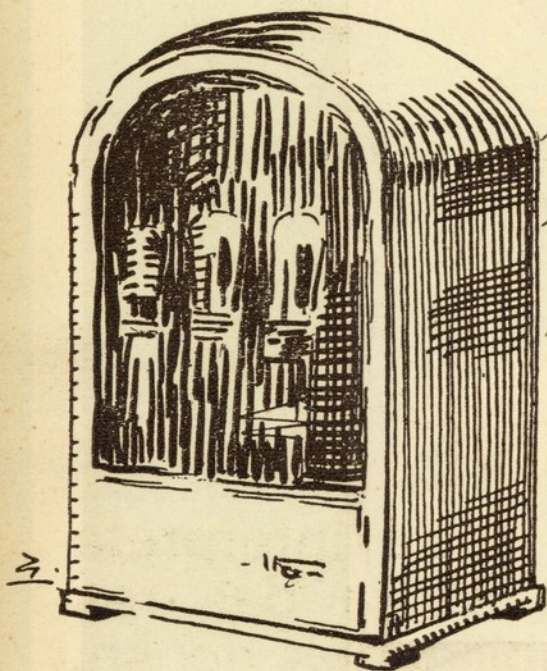
Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$50

O I Ç A

A VOZ DO
MUNDO



**CROSLEY
RADIO**

CASA FORTE

S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281

Rua Santa Catarina, 20

Telefone, 2425 — PORTO

O "RIVOLI"

APRESENTA AO PÚBLICO DO PÔRTO A GRANDE ESTREIA EM PORTUGAL DO LIN-DÍSSIMO FONOFILME
CASANOVA



IVAN MOSJOUKINE

Numa forte interpretação à altura das responsabilidades do seu nome, vai fazer viver na tela as "memórias" de Jacques **CASANOVA**. Uma vida cheia de espírito entre as mais estranhas conjunturas.

UM GRANDE FILME DE

CASTELLO LOPES, S. A.



— VÊS MEU AMOR? SÃO
ALI AS FÁBRICAS DA

M U R A L I N E

T I N T A A Á G U A

MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

O CINEMA E O PÚBLICO

Não importa, para o nosso caso, que o Homem seja um mero acorde de expressões ou tenha uma verdade intrínseca a revelar. Este problema é anterior ao nosso, mas do mesmo modo que Bergson põe de parte a discussão do valor absoluto da verdade transformista para aceitar transitóriamente, «comme une traduction suffisamment exacte et précise des faits connus», as suas consequências na classificação da vida biológica, nós tomaremos a palavra *expressão* no sentido geral de todas as manifestações externas da vida consciente: palavras, gestos, imagens, onomatopáicos, harmonias, etc... porque quer haja uma verdade intrínseca a revelar ou uma coerência a conseguir, esta discussão pertence à psicologia pura e tanto monta que o esforço expressivo de cada um de nós seja de introspecção ou uma simples procura dum mais recondita e composta harmonia das nossas expressões.

Em última análise o Homem exprime-se e o artista é aquele que despreza os caminhos já mil vezes trilhados da encosta da montanha, onde a erva se desfêz em poeira ou amareleceu de cansaço, para escalar as vertentes inexploradas, onde há flores e cardos, erva macia e arbustos agrestes. E quantas vezes êle se despenha e quantas vezes volta ao passado contar os paisagens novas, todo ensangüentado.

Vem cantar, notem bem, e quem canta gosta de ser ouvido. Por isso o artista diz novidades que exigem evidentemente uma maneira nova de dizer para despertarem vibrações até então inaproveitadas nos ouvidos de quem escuta e para que o prazer, ou a dôr, dos ouvintes provoque e mantenha uma atenção por vezes involuntária.

Vem êste intróito a propósito daqueles que quando falam em realizar um filme exclamam imediatamente:

—O público! Não quero saber do público! Eu quando penso em realizar um filme quero dar alguma coisa que tenho a mais e que excede a capacidade da minha vida. Dou-me! Não importa como, nem a quem!

O que será um filme cuja realização não teve sempre em mira a exhibição? É difícil sabê-lo.

Notemos bem que esta pergunta se refere somente à realização e de nenhuma maneira à concepção.

O artista tem, um certo número de expressões a dar, que uma intuição especial, cuja psicologia agora não nos interessa, torna conscientes. Na poesia estas expressões são imediatas. Queremos dizer que o verdadeiro poeta a expressão já nasce com a ideia; melhor ainda: as duas são justapostas, coincidem em absoluto, são indistintas e nem neste caso, certamente o mais desfavorável para nós, se compreende muito bem um poeta que canta por cantar, sem o prazer de ser escutado.

O poeta que se limitasse a murmurar para consigo as suas harmónicas expressões, teria uma atitude muito igual à de S. Francisco falando ao irmão lobo, e ás flores irmãs. Ora a arte é humana e não mística. Procura compreender num abraço a vida inteira e não é, de nenhum modo, uma visão unilateral, divina ou satânica, trágica ou cômica, moral ou imoral, dessa vida.

Não, a arte não é, como parece à primeira vista a obra duns raros homens, isolados em torres de matérias raras. Muito ao contrário a arte é um fenómeno de florescência social. Em certas épocas a arte floresce para decair imediatamente. Foi numa dessas épocas que se deu o esplendor clássico da França com Racine e Corneille à frente; foi numa época que a literatura russa com Dostoievsky, Tolstoy e Tchekow, etc, fez a sua erupção vulcânica; foi em Weimar que floresceu Goethe; e Portugal foi uma só época que reuniu Camões, Gil Vicente, Agostinho da Cruz e Cristovão Falcão e poder-se-ia citar... citar... porque a arte implica um público que poderá não ser numeroso mas tem que ser bom. São *Les hornètes gens* de Molière, os cultos nobres de Weimar, a instruída côrte que desabrochou depois da influência inglesa de Filipa de Lencastre e dos inclitos infantes, que envolvem e sustentam a arte. Quando êste apoio falha a arte não existe; a sua desenvoltura graciosa carece daquele apoio invisível. É esta a única explicação para o suicídio sistemá-

tico de todas as naturezas artísticas de Portugal no século passado.

Ter que exprimir, exceder-se, eis uma necessidade inicial para qualquer realizador, mas isto só não basta. É absolutamente preciso encontrar a maneira mais completa de fazer transparecer cinematográficamente essas revelações sem de modo algum as degradar.

Aqui entra o factor educação que permite ao espirito educado encontrar imediatamente a maneira de exprimir. Aquilo que na poesia é qualidade espontânea do poeta, por ser a linguagem, dum ancestral facilidade para o homem, no cinema é faculdade longamente adquirida à custa dum adaptação a uma técnica recém-nascida. Já no teatro assim era. Escritores autênticos baquearam muitas vezes nas suas tentativas teatrais e muito nunca conseguiram, por falta de adaptação à técnica do teatro, produzir trabalho dramático merecedor.

Da luta quixotesca contra os moinhos de vento da ideia pura, sempre impossível de exprimir em absoluto, nasce o interesse do cinema como o de todas as artes. Escolhido um assumpto, conforme as naturais inclinações do outro, a arte está na maneira de exprimir seja o que for e não naquilo que se exprime.

Ora exprimir traz consigo a ideia de alguém que compreenda. Dum público: Mas não querem, por enquanto limitar a ideia público acrescentando qualquer atributo de mais ou menos cultura ou emotividade, por não caber num artigo dêstes a análise das características dos diferentes públicos que alentaram as épocas de esplendor artístico.

Seria uma coisa bem perigosa para o cinema perder de vista a ideia do público.

«Ce fut une dangereuse chose pour l'art de se séparer de la vie; ce fut une chose dangereuse pour l'art et pour la vie. Du jour où l'artiste ne sentit plus, près de lui son public, du jour où l'art ne trouve plus sa raison d'être, sa signification, son emploi dans la société, dans les moeurs,—il s'afola.

«L'histoire de l'art moderne est inexplicable autrement: l'artiste qui ne sent plus son public, est appelé, non pas a ne produire, mais a produire des œuvres sans destination: peintre, il peint sans savoir quels murs décoreront ses toiles; sculpteur, il ignore d'où tombera le jour ou pourront baigner ses statues; poète, il chante et s'écoute chanter».

É Gide quem fala.

Com efeito seria uma coisa terrível para o cinema perder de vista a ideia do público. O cinema é talvez nos nossos dias a única arte que sabe o seu destino. Um realizador sabe de antemão que o seu filme será projectado numa sala escura sobre um *écran* branco. E nessa sala há um público mais ou menos atento, conforme o realizador soube tomar posse da sua atenção e conduzi-la, domá-la, fazendo erguer ao shomens a dispersão infinita das distrações.

No dia em que o cinema esquecesse o público, endoideceria dum loucura mortal, porque dadas as quasi infinitas possibilidades de expressão que a sua técnica lhe oferece, êle transporia facilmente as tímidas fronteiras do enclavé que a arte faz na loucura.

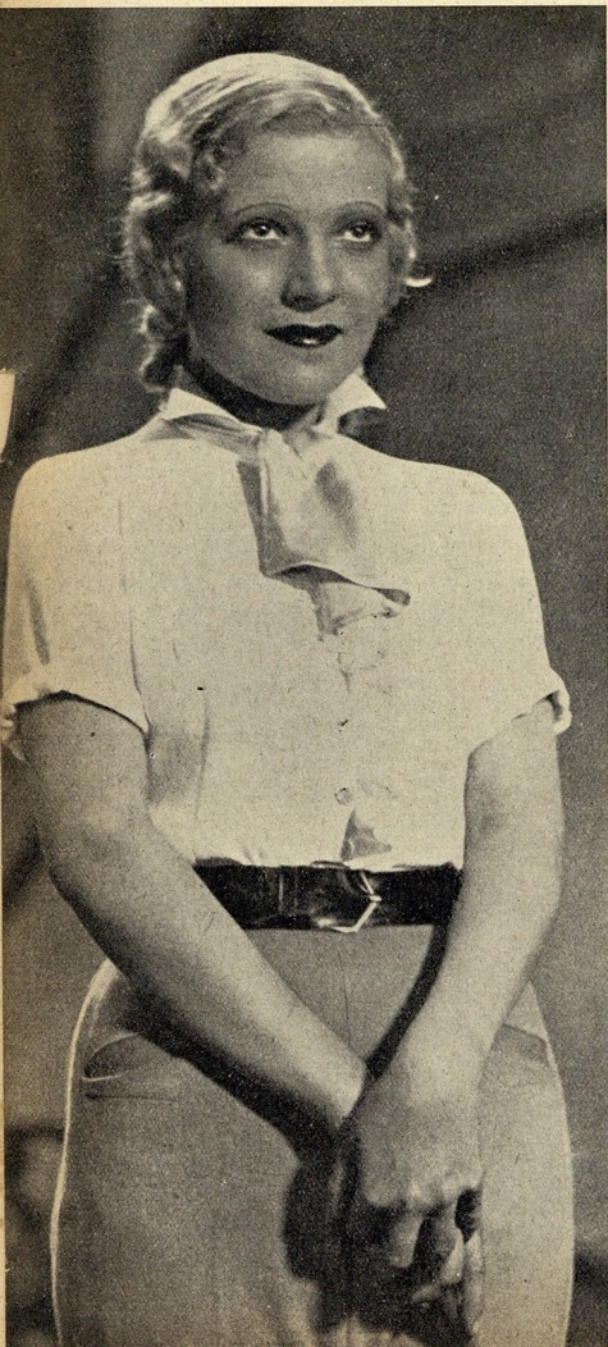
Acontecer-lhe-ia o mesmo que aconteceu aos artistas do século passado em Portugal:—o suicídio. Ou pelo menos o que aconteceu a Sá Carneiro, porque os louvores da poesia dêste poeta são inexplicáveis, se não considerarmos a sua desesperada busca dum auditório para os seus belos versos.

Nós não queremos que o cinema vá de encontro a esta ou aquela plateia. Não queremos mesmo considerar cinema inépcias como a *Canção de Lisboa*.

Mas sabemos, também, que o público vai, quasi inexplicavelmente, comover-se e até chorar diante dos dramas intensos que o cinema lhe apresenta. E, para nós, um filme será tanto melhor, quanto mais involuntariamente o público fôr à sua exhibição.

Cordeiro de Brito

SINFONIA INCOMPLETA



Vocês todos não deixem de ir vêr êste filme. Eu garanto-vos que se trata duma obra prima. «Sinfonia Incompleta» é a maravilha das maravilhas por tudo e em tudo. É um romance de amor de uma espiritualidade rara.

A vida de Schubert — êsse mago da música — corre diante dos nossos olhos em imagens inolvidáveis de graça, de sumptuosidade, em pleno romantismo. Época das grandes paixões, êste filme é um documentário espiritual pleno da galanteria de êsse tempo.

Contém exteriores lindíssimos e um acompanhamento musical harmonioso. Depois, a interpretação de Martha Eggerth é daquelas criações que não são fáceis de esquecer. Martha Eggerth desempenha em «Sinfonia Incompleta» o papel da condessa Carolina Esterhazy.

Ora esta condessa Carolina de Esterhazy, uma jovem graciosa e elegantíssima, encontra-se entre as convidadas à grande festa que se realiza no palácio da Princesa Kastory, grande protectora e amiga de artistas. Schubert, mercê de vários empenhos, consegue ser convidado para se exhibir na alta roda e é o grande atractivo daquela noite. E quando, sentado ao piano, suas mãos percorrem nervosamente o teclado, arrancando-lhe vibrações sublimes, a condessinha Carolina, (que não é outra, como sabem, senão Martha Eggerth) nova e bonita, ouve com mais atenção certa anedota que um titular lhe conta em surdina.

Ao acabar da engraçada história, Carolina não pôde reprimir uma gargalhada. E acto contínuo, Schubert, que tocava, levanta-se ferido por aquele desacato, fecha bruscamente o piano e sai. O escandalo rebenta.

Carolina vê que procedeu mal, incorrectamente. Para se reabilitar aos olhos do artista consegue que seu pai o contrate como professor.

Eis, em resumo, o ponto de partida para o desenrolar sentimental da acção.

Bastará dizer-vos que o realizador Willy Forst — um estreado auspicioso — conseguiu com esta produção levar a cabo uma tarefa árdua e difícil, mantendo um equilíbrio rítmico visual maravilhoso.

Martha Eggerth no papel de condessa Carolina aparece-nos vestida primorosamente e cantando como... só Martha Eggerth sabe cantar. A figura de Schubert coube a Hans Jaray, outro grande actor. O sarau no palácio da Princesa Kastory em que Schubert vai tocar, é um quadro empolgante de luxo que dá origem à mistura de lances burlescos como aquele de Schubert se encontrar sem ter um fato de cerimónia e as suas conseqüências.

E como esta muitas outras cenas se poderiam apontar como dignas de relêvo, pois nunca uma fita atingiu um tal somatório de equilíbrio, de bom gosto e de elegância artística. Dir-se-ia que o próprio título é até o mais frisante dos contrastes, pois sendo «Sinfonia Incompleta» é o mais completo de todos os filmes até à data exhibidos.

Fernando Marinho

APRENDAMOS O "RAFTEIRO"

Adeus one-step, adeus tango, adeus fox, adeus shimmy, adeus rumba! Viva só o *rafteiro*!

Eis a senha revolucionária para os salões de baile de este ano. E que não falte em nenhum, pois seria um atentado à arte, ao bom gosto e até um desrespeito ao Cinema. Porém, devo dizer-vos desde já o seguinte: *rafteiro* não é outra coisa senão um novo tango que vocês todos verão no filme da Paramount chamado «Bolero», dança do por Carol Lombard, Frances Drake e George Raft, aquele grande actor revelado em «Scarface» — lembrem-se? — que estava sempre a atirar a moeda de cobre na palma da mão, jogando a sorte e a morte... Pois bem; foi do nome de esse actor, Raft, mais o sufixo *eiro* que surgiu batizada a nova dança.

Os bailarinos Roy Bradley e Adele Jerome de grande nomeada nos Estados-Unidos, aprenderam-na durante a filmagem de «Bolero» e a estas horas estão já com certeza em «tournée» artística para apresentar o *rafteiro* nas principais cidades norte-americanas, segundo um comunicado oficial. Em Paris os professores de dança não teem mãos a medir.

Mas porque foi George Raft assim escolhido e porque razão brilhou ele tanto, a ponto de lançarem com o seu nome este novo estilo coreográfico?

Será um daqueles réclamos à americana, tão férteis de surpresas e quantas vezes também de desilusões?

Forsè che si, forsè che no... pois Raft, celebrado agora pela sua interpretação em «Scarface» era em antes de isso bailarino afamado. E tão bom bailarino é, que na viagem-prêmio da Paramount, vai exhibir-se nos palcos europeus dançando, tal como Ramón Novarro, cantando.

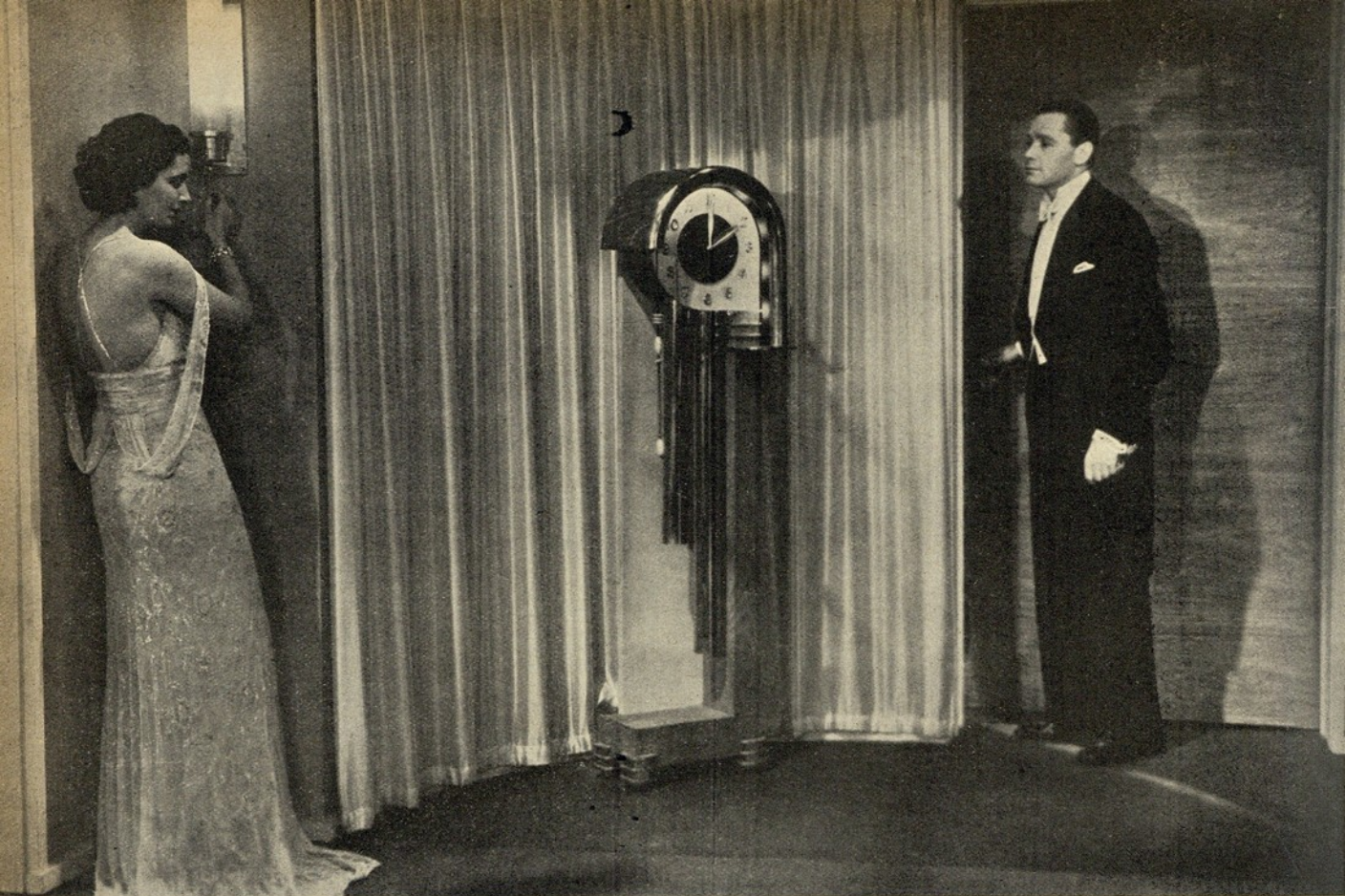
Mas não julguem o novo tango qualquer coisa banal, insípida. Para vermos e nos convencermos de que estamos diante de uma nova dança à qual não faltará o apoio de toda a sociedade elegante, bastará dizer o seguinte: a música foi composta por Ralph Rainger e os dezassete passos são da autoria de Le Roy Prinz, o director coreográfico dos Estudios Paramount.

O *rafteiro* começa com um compasso rápido de tango, depois segue o ritmo lento do clássico tango argentino, à mistura (isto é: alternado) com alguns passos de rumba. O par descreve — ora ele, ora ela — círculos em volta de cada um que terminam em passos de tango lento. Depois há uma paragem de ambos (homem e senhora) num ponto fixo como na rumba, seguindo-se-lhe para a direita e para a esquerda passos de tango até voltarem à posição primitiva.

Se não perceberem muito bem, o Amok está apto a responder a quem lhe pedir esclarecimentos sobre o assunto. Está, como se costuma dizer, ao dispor dos interessados. Claro, vocês podem não acreditar, mas quando soubemos esta boa-nova aqui, na redacção, ninguém parou. Todos estamos aptos a dançar o *rafteiro*. Confesso que pela minha parte sou o mais azelha, pois nunca fui além duns compassos da «Bilbainita». Em compensação todos os outros — até o Chico Viana e o nosso administrador — estão já em forma. Apenas o Luiz Guedes teima em só o dançar com uma indígena da Polinésia. A nossa gentil colaboradora Maria Branca que nos visitou primeiro com uma carta aberta e depois pessoalmente, já nos disse ter ensaiado os primeiros passos com êxito; o mesmo sucedeu ao Casais Monteiro. E se vos conto estes detalhes particularíssimos, fora do meu costume — é para melhor vos provar que nós não perdemos a oportunidade nem desprezamos a cultura. A arte de Terpsicore merece-nos também a maior consideração. E agora, raparigas e rapazes — fazei o mesmo: aprendei a dançar o *rafteiro*.

CURSO DE DANÇA
NUMA LIÇÃO POR
ALEXANDRE DE MEDICIS





UM FILME DE LUBITSCH

LADRÃO DE ALCOVA

Ernst Lubitsch é uma das mais curiosas figuras do cinema americano. Saído da Alemanha, onde realizou obras de grande espectáculo, de-pressa se adaptou no novo continente aos métodos americanos, por êles deixando-se dôcilmente amoldar. Mas houve uma coisa que a-pesar-de tudo não se alterou completamente. Daí a subtileza das suas « expressões », a delicada ironia que corre por muitos dos seus filmes, os detalhes de grande observação e as notas de deliciosa fantasia que se observam em algumas das suas obras. A êsse espírito, que se conservou sob as fortes influências recebidas na América, as suas largas possibilidades, a versatilidade do seu temperamento artístico e o profundo conhecimento da técnica cinematográfica, vieram juntar-se em constante, bem doseada e harmoniosa colaboração. E hoje, Lubitsch, que conta um larguíssimo número de filmes de variados gêneros, desde *O Leque de Lady Margarida* até *O Homem que eu matei*, desde *O Patriota* até ao *Tenente Sedutor*, desde *As Surpresas da T. S. F.* até *O Ladrão de Alcova*, pode considerar-se um dos realizadores de maior prestígio em todo o mundo.

Cada filme de Lubitsch é uma surpresa, porque Lubitsch nunca se repete. E quer nas suas monumentais « mise-en-scènes » (em que podemos lamentar vincadas influências teatrais), quer na delicada fantasia das suas primorosas comédias, êle nunca desmerece a nossa justa admiração. Há mais, consegue mesmo esta coisa quási inédita: aliar os gostos do público às exigências da elite.

Dizia uma vez Charensol: « É indispensável que o cinema obtenha a adesão do público. O cineasta deve chamar a si a multidão por sucessivas conquistas, sem a desconcertar com audácias excessivas. O antagonismo entre a arte e o comércio é sempre mais aparente do que real. O público não gosta de ser brutalizado, mas quando lhe apresentam uma obra que o não fira violentamente, é capaz de se apaixonar por ela, mesmo que essa obra contenha um incontestável arrojo ». Ora, Lubitsch, desfez o antagonismo entre a arte e o comércio, porque sabe agradar ao « grande-público », sem se vergar ao mau gosto e à mediocridade em que muitos realizadores chafurdam para colhêr proveitos materiais, e saber cuidar das suas obras, como bom artista, de forma

a satisfazer as constantes exigências da elite — o que muitos não conseguem sem assustar o público que não tem suficiente preparação cinematográfica.

Dentro em breves dias nós vamos ver, no Porto, o filme de Lubitsch *O Ladrão de Alcova*, que vem confirmar o que acabo de escrever. A essa comédia extraordinariamente bem feita, já Fernando Barros, nas páginas do MOVIMENTO fêz muito elogiosas referências. Mas eu volto a chamar a vossa atenção.

Se eu vos contar a história de *Ladrão de Alcova* ela pode parecer-vos um grande conteúdo. Mas não se esqueçam que com cenários insignificantes não é raro conseguir-se as obras de alto valor estético. Tudo depende do hábil e inteligente aproveitamento das suas qualidades visuais. E, desta vez, Lubitsch realizou uma obra excepcional, remodelando-se a si próprio mais uma vez, «criando novas fórmulas, novos processos, novas maneiras de expressão, com uma mocidade de espírito verdadeiramente rara.» Mas eu conto-vos o filme. As coisas passam-se mais ou menos assim:

Certo dia, em Veneza, um senhor, elegantíssimo de maneiras e impecável nos trajos, encontra-se com uma senhora a quem múltiplos encantos e feminina graça, Deus sobera prodigar generosamente. Ceiam juntos. A certa altura, porém, um curto e engraçado incidente denuncia-os mutuamente. Afinal, o senhor elegante e a senhora bonita são dois ladrões... Associam-se, percorrem diversas terras, até que, numa grande metrópole, planeiam um audacioso roubo. Para levarem a fim os seus intentos, o rapaz consegue fazer-se contratar como secretário duma senhora riquíssima a quem convence que êle próprio, por sua vez, não pode dispensar uma secretária particular — a sua cúmplice. Aqui a história complica-se e o rapaz cai numa cilada imprevista: apaixonou-se pela senhora rica desinteressando-se da execução do combinado plano, o que não agrada nada à rapariga] que roída [pelos ciúmes...

Mas aqui o que importa não é a anedota. Nem tam pouco a interpretação. Nem a realização só por si. É tudo, isso, a um tempo, num conjunto de incomparável harmonia. Duma riqueza surpreendente de técnica, êste filme «é um prodígio de graça, de imaginação e de bom humor onde aflora enternecidamente de vez em quando, um triste sorriso de ternura.

Além disso *Ladrão de Alcova* marca no género humorístico e até satírico uma etape valiosa.

Vocês hão-de ver.

Augusto Alcântara



PANORÁMICA

HOLLYWOOD

Acaba de ser apresentado o filme de Sam Goldwyn com Anna Sten, «Nana». Deve dizer-se que esta película, inspirada no célebre romance de Zola, apresenta muito poucos pontos de contacto com a obra donde foi extraída. O contrário é que seria para admirar...

Um grande número dos diários americanos resolveu substituir as habituais secções de crítica aos filmes por simples exposições absolutamente neutras. Parece que esta decisão foi tomada para evitar os constantes conflitos entre a redacção e a secção de publicidade...

Lá como cá!...

Dizem de Hollywood que Mary Pickford e Douglas Fairbanks fizeram as pazes e já não pensam em divorciar-se. Parece mesmo que os esposos reconciliados se fixarão em Londres para criarem, desociedade com o grande «manager» Rothafel, uma «Rádio City» análoga à de New-York. Esta «Rádio City» (um grande centro de cinema e de atracções) estabelecer-se-á nos arredores de Londres se não for possível colocá-la no coração mesmo da grande capital.

Em Chicago, o govêrno do estado proibiu a projecção de actualidades em que figuravam as recentes perturbações sociais de Paris e Viena.

Tal medida em relação às actualidades era até agora inédita nos E. U. A. Contra ela protestaram os proprietários dos cinemas, temendo — sobretudo — o uso e abuso que no futuro se venha a fazer desta nova prática.

BERLIM

No Gloria-Palast foi recentemente apresentado o último filme de Carminé Gallone, *Mon cœur soupire*, tendo obtido um grandioso êxito. Jean Kiepura, Marta Eggert e Paul Kemp, os principais intérpretes d'êste filme, foram obrigados a aparecer no palco dezassete vezes, a agradecer os aplausos do selecto público que enchia por completo a vasta sala.

E. A. Dupont, o conhecido realizador alemão, que tantas obras primas tem dado ao cinema, acaba de ser contratado pela Metro-Goldwin-Mayer, devendo partir em breve para Hollywood.

Karl Lamac terminou *O amor na gaiola* com Anny Ondra e René Lefèvre nos principais papeis da versão francesa.

Depois de ter sido censurada duas vezes foi, finalmente, permitida a apresentação de *A Irmã Branca*, que se exhibe com o título de *Isabel e o fogo*.

PARIS

Consta que Jacques Feyder, o realizador bem conhecido de *Les Nouveaux Messieurs*, desistiu pelo menos provisoriamente de filmar em Londres *The Gentleman* com Emil Jannings, dando preferência a um argumento da sua autoria e de que Marie Bell encarnará, provávelmente, a protagonista.

La chanson de Paris é o título duma nova produção de Jacques Baroncelli em que, além de Armand Bernard, teremos ensejo de ouvir o tenor francês Georges Thil que neste filme fará a sua estreia no cinema.

MOSCOVO

Charles Delac, presidente da Câmara Siudical Francesa de Cinematografia visitou recentemente a U. R. S. S. tendo

percorrido os principais studios, onde assistiu a algumas filmagens.

Foi-lhe oferecida uma sessão especial em que admirou as mais recentes produções do cinema soviético, tais como *O Tenente Kige*, *Os Entusiastas*, *As noites de S. Petersburgo*, etc.

Espera-se que desta visita resultem curiosas influências no comércio de filmes entre a França e a U. R. S. S.

LISBOA

Está organizada uma nova empresa, sob a designação U. I. C. que representa a vastíssima organização da Tobis Francesa e Alemã, compreendendo tôdas as suas organizações internacionais, directas e indirectas.

O primeiro sintoma da sua vida representativa colheu-o ao público na apresentação em grande estreia do filme *L'ange gardien* que a imprensa estrangeira comenta de maneira invulgarmente elogiosa.

Pode também desde já anunciar-se que a U. I. C. — entidade luso-alemã — se propõe produzir em Portugal filmes portugueses, para o que já tem em mãos o argumento do primeiro, da autoria do conhecido escritor Ferreira de Castro. A planificação e realização será confiada a portugueses, amparados na sua aprendizagem a valer por reputados técnicos estrangeiros, possivelmente um alemão e um húngaro.

Como grande animador da U. I. C. e fazendo parte integrante de tôda a organização encontra-se a figura prestigiosa e bem conhecida do nosso amigo Sr. Engenheiro Anselmo P. Bastos Vieira.

Inteiramente de graça aqui deixamos um réclamo ao nosso amigo Sr. Raúl Lopes Freire. O filme *Espíões*, que há dias vimos no Central é um modelo quanto a legendas. E isto é tam raro...

Em todos os centros de conversa — bem conhecidos os cordelinhos de certa polémica travada numa revista da especialidade entre um conhecido réclamista desta capital e um conhecido e conceituadíssimo distribuidor de filmes — comenta-se muito desfavoravelmente para o primeiro, único e responsável autor da dita polémica, a ingratidão e infelicidade dos seus argumentos que são muitos bonitos e bem soantes, mas não resistem ao mais pequeno exame a sério.

Com muita satisfação transmitimos ao nosso colaborador Dr. Luiz Guedes, as inúmeras felicitações que lhe tem sido endereçadas por inumeros leitores desta capital a propósito da sua felicíssima *Parábola do peixinho maluco*.

PÔRTO

N. da R. — Com o maior prazer damos publicidade a um pequenino bilhete que acabamos de receber:

«Peço licença para opor à nota que acompanhou a publicação da minha carta uma ligeira contradição. A adopção do meu pseudónimo não foi motivada pela tacanhez do nosso meio, porque eu acho que o meio criamo-lo nós, com as nossas atitudes, com a nossa pertinácia, com a nossa indiferença, como, aliás, vocês sempre tem feito. Porque o meu nome é muito feio e não vos diria nada, adoptei um pseudonimo, não sem significado nem expressão, como vocês dizem, mas muito pelo contrário. Vocês, é que não sei bem porquê, o trocaram. Eu assinei (não confundam agora!) «Luz Branca». É assim que continuarei a chamar-me quando, accedendo ao vosso gentil convite, cujos adjectivos agradeço, voltar a aparecer nas páginas do MOVIMENTO.

Agora falamos nós: Deus Nosso Senhor nos dê paciência e um pano para a embrulhar...



Miriam Hopkins, que veremos em
«Ladrão de Alcova» da Paramount



SEX-APPEAL!...

OU
UMA VISÃO
ERRADA DO
AMOR...

Sex-appeal!

Palavrão mágico que merece mais consideração dos produtores cinematográficos que a mais nobre tese social, o mais profundo estudo psicológico, a mais audaciosa reportagem, a transcendente ironia de Clair ou a beleza inédita de qualquer país longínquo e inexplorado.

Sex-appeal! Sex-appeal!

Expressão que os *cinéfilos* consagraram, que toda a gente emprega, expressão em voga, expressão *bem*, que já mereceu artigos sérios e graves a jornalistas ponderados e convencidos e que parece ter sido inventada, de propósito, para o Sr. Dr. Júlio Dantas empregar numa das suas deliciosas crônicas elegantes...

~

Há no fundo de todos nós, mais ou menos encoberto, uma espécie de Mister Hyde que apenas o preconceito, o protocolo, e as chamadas boas-maneyras, limitam.

Os produtores cinematográficos e respectivos *publicity-men*, que são bons psicólogos, sabem-no bem e tratam de o explorar o mais proveitosamente possível.

¿Ao público não interessará um argumento cheio de ingenuidade e ternura, nem o embate rude de duas almas em conflito, nem o detalhe mais curioso duma vida, nem a propaganda de qualquer ideia, nem um bom documentário?

Talvez não!

Mas não há, com certeza, nenhum homem que resista ao encanto de ir ver no écran, como quem espreita pelo buraco da fechadura, uma mulher elegante e bela, meio despida, de olhos baços, lábios molhados e atitudes sensuais; nem será indiferente, por certo, a nenhuma mulher, a perfeição física do Weissmuller, a rudeza boçal do Clark Gable, o ar amaneirado do Ramon ou a natural distinção do Menjou.

Reparem por exemplo nas duas gravuras que ilustram este artigo.

Recebemos periodicamente dezenas e dezenas destas fotos que as secções de publicidade de Hollywood nos enviam.

As duas que hoje publicamos são típicas.

Temos em primeiro lugar Jean Harlow, a mais que célebre loira platinada — bem mais célebre pelo cabelo que pelo talento... — numa das tais atitudes que não tem discussão possível.

E' a *sca* para os homens.

Os seus olhos, os seus cabelos, a sua bôca, a sua expressão, o seu SEX-APPEAL, enfim, vão certamente merecer colunas e colunas de literatura barata a muitos jornalistas. Os leitores digem, gostam da gravura e assim que se exhibir o primeiro filme de Jean Harlow estão lá caídos.

Mas as mulheres também vão ao cinema, também pagam bilhete, também são gente.

Ora aqui teem um bom chamariz: Max Baer, campeão de box e actor de cinema, físico atlético, beleza olímpica, futura coqueluche das *cinéfilas* portuguesas.

Jean Harlow e Max Baer são dois especimes de sex-appeal directo, fulminante, sem desvios, sem complicações intellectuais.

Sex-appeal autêntico, puro, bacteriológicamente puro!

Mas há também muitas pessoas que a esta absorção rápida e completa dos sentidos, preferem um caso mais cerebral, mais complicado, possivelmente com uns borrifos de Freud.

Para essas há a complexa Marlène, a distante e obsessiva Greta Garbo, o intellectual Clive Brook, o vivido Charles Boyer, etc., etc., etc.

O cinema capitalista tem ido buscar ao Amor o assunto para quasi todos os seus filmes.

E todavia, se exceptuarmos um reduzido número de produções, não encontramos nesses filmes mais do que a historieta banal e imbecil dos dois noivos contrariados pelas famílias e que acaba sempre em bem, ou então a exploração por qualquer processo da sensualidade alheia.

Não é isto o que nós queremos do cinema.

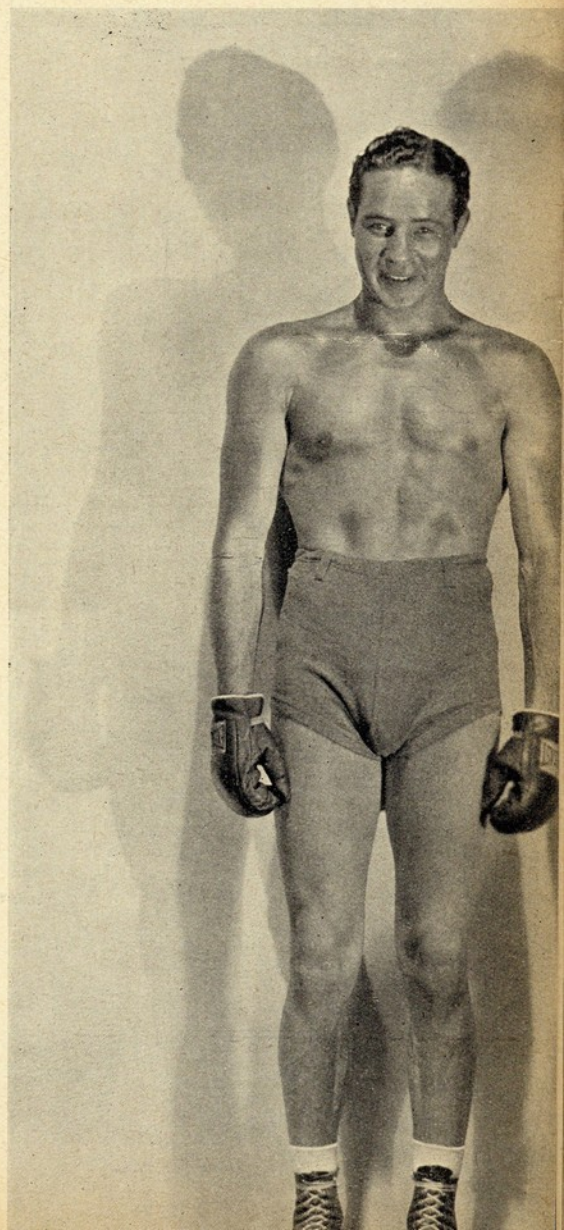
Queremos, sim, que êle aborde o problema do Amor, assim como todos os outros problemas

vitais da nossa época, mas com espirito constructivo, com ideas lavadas, com dinamismo revolucionário, com beleza e juventude.

E' preciso que o cinema contribua também para que todos, homens e mulheres, ricos e pobres, velhos e novos comecem a considerar o Amor como uma coisa onde não há mistérios nem inexplicáveis *tabús*.

E então, nunca mais ninguém irá ao cinema, como agora, com ar comprometido e a *bêsta* debruçada dos olhos, só para ver qualquer espectáculo que cheire a lúbrico, a proibido, a licencioso...

Fernando Barros



... Ora aqui teem um bom chamariz: Max Baer, campeão de box e actor de cinema, físico atlético, beleza olímpica, futura coqueluche das CINÉFILAS portuguesas

DOURO

FAINA FLUVIAL

FILME
D E

VANGUARDA!



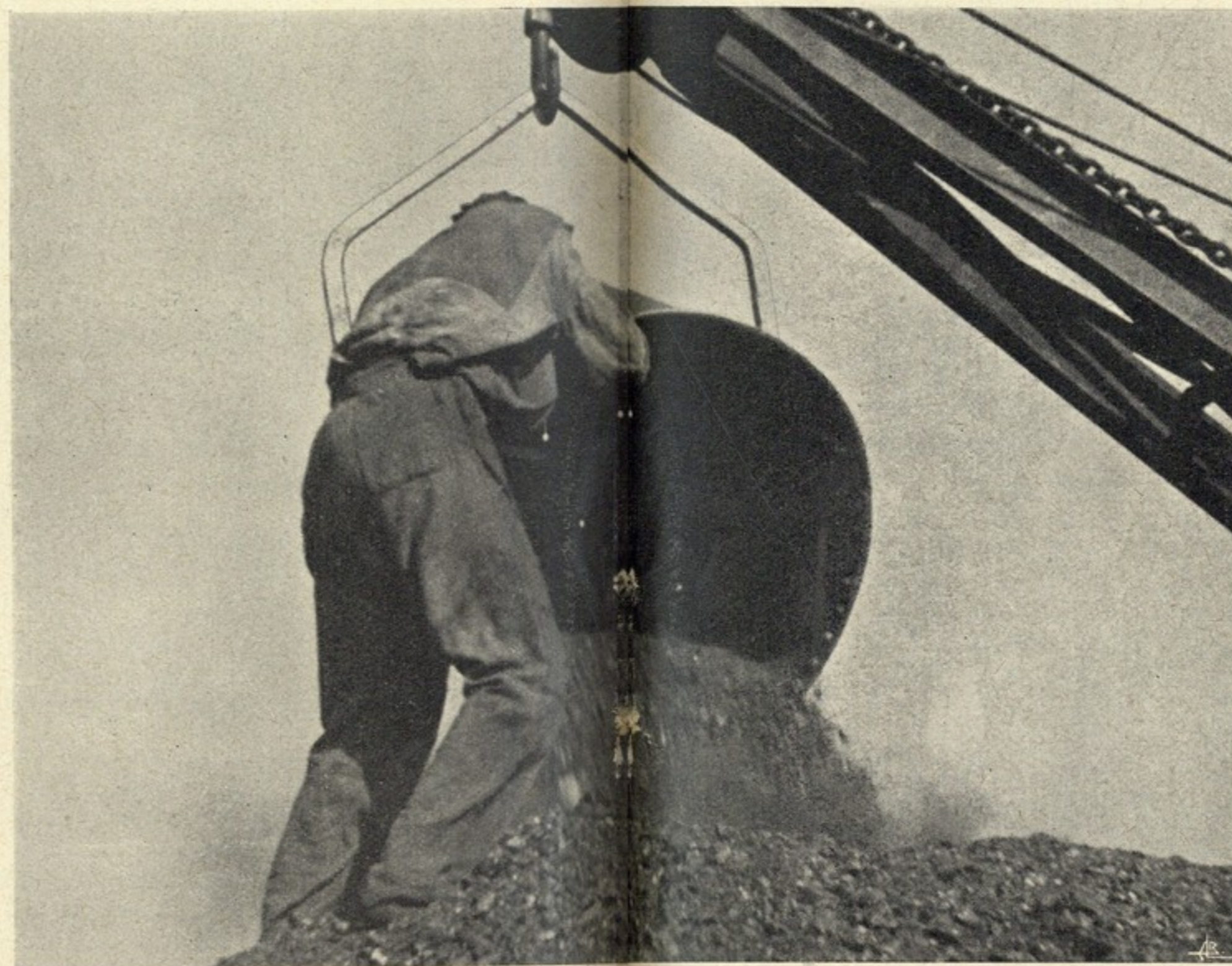
Tem-se dito nesta revista, e diz-se a cada passo em qualquer revista de cinema que não seja redigida por cretinos — e é uma verdade tamanha que até por vezes os cretinos a dizem! — que os documentários portugueses, são, entre os muitos aspectos vergonhosos da nossa cinematografia, os expoentes máximos da falta de gosto e sentido cinematográficos. Contudo, se passamos a fronteira, constatamos que essa falta de gosto e sentido aflige igualmente a produção de documentários em qualquer país. O mal não é estritamente nosso: o mal está na ideia de que o documentário é um elemento secundário dos programas, e que, portanto, seja em geral tratado sem preocupações de arte. Para o caso especial do cinema português, é conveniente não esquecer quanto a «instituição dos 100 metros» contribui para que não se tome a sério o documentário.

Mas, vendo agora o problema em geral, temos a constatar quanto, mesmo no estrangeiro, são raros os documentários concebidos sob esse ponto de vista artístico que julgo indispensável: é que, mais do que no filme dramático, mais do que na comédia, e, dum modo geral, em todo o género de filmes que tenham uma acção, uma intriga, um fio de acontecimentos sucedendo-se no tempo, e nos quais, por isso mesmo, a arte pode ser esquecida devido ao interesse pela acção, é que, dizia eu, no documentário é indispensável dar às imagens uma força diferente, uma intensidade intrínseca que as faça sobressair com o relêvo necessário para que o filme dê ao público, não apenas uma série de tomadas de vistas, mas um conjunto de imagens com significação.

Ora, para que um documentário tenha interesse, para que seja essa obra de arte através da qual o público se ponha em contacto com uma certa realidade, é necessário que as imagens não sejam apresentadas tal como a objectiva as colheu, mas numa montagem que as relacione, que, por relações, por sínteses, por associações e evocações, dê ao espectador a visão dum dinamismo, dum movimento que é o da própria vida. E é por isso que só os chamados vanguardistas tem feito bons documentários: para eles, acima da objectiva que regista, está a inteligência e a sensibilidade do realizador, escolhendo e organizando. E a arte é acima de tudo, transposição, recriação e escolha.

Vem tudo isto a propósito dum filme que é português, mas não apenas para portugueses. *Douro, faina fluvial*, é o documentário que inaugura em Portugal uma época nova, pois é feito segundo esses princípios a que me referi atrás. É o documentário feito a sério, não o complemento de programa feito para cumprir uma disposição da lei.

Mas, — perguntareis vós, leitores do MOVIMENTO — que filme é esse que assim nos aparece feito, prestes a exhibir-se, faltando-lhe apenas ser sonorizado, sem que antes da primeira volta da manivela tenha sido anunciado como obra-prima, genial, definitiva? Eu vos digo: é que os seus autores



não o fizeram para ter elogios nas gazetas: fizeram-no por ambição de criar uma obra de arte, e se de facto o conseguiram, isso deve dar-lhes uma satisfação muito maior: a satisfação de criar. *Douro, faina fluvial*, realizado por Manuel de Oliveira, tendo como operador António Mendes, pretende ser a síntese da actividade que se desenrola diariamente no nosso rio; mas não somente da actividade nas formas como

as vê o comerciante e o industrial a quem ela dá lucros, não apenas o carregar e o descarregar dos barcos, o tráfico realizado, mas também a síntese da vida dos que são seus instrumentos: homens, animais, máquinas. E depois, o ambiente onde essa vida se desenrola: o rio, os bairros em que vive a população de trabalhadores que tira do trabalho no rio o seu sustento.

Com estes elementos, podiam fazer-se dois filmes. Um, baço, incharacterístico, feito de séries de imagens: uns metros para o ambiente, uns metros para a vida dos trabalhadores, uns metros para o trabalho. O outro — e foi este que Manuel de Oliveira soube realizar — cheio de contrastes e de vida, pedindo a uma montagem inteligente o ritmo que nos faça sentir a faina fluvial do Douro em toda a sua realidade. Quereis um exemplo? Trata-se de exprimir as diferenças de intensidade entre o trabalho do homem, do animal e da máquina: e é pelo contraponto das respectivas imagens que o contraste surge a nossos olhos, numa síntese esplêndida.

A maior virtude de *Douro, faina fluvial*, além da qualidade da fotografia, que vai dar a António Mendes um lugar de primeiro plano entre os operadores portugueses — é sem dúvida o valor da sua montagem. Já atrás disse por qual motivo a montagem, se pode, noutro género de filmes, não ser elemento indispensável — o que não quer dizer que haja filmes sem montagem, mas, simplesmente, que esta pode não ser considerada elemento fundamental (veja-se qualquer filme de Chaplin) — é o elemento primacial num documentário de verdade. Veja-se a necessidade que ha-de ligar todos os elementos, de criar a atmosfera, de a fazer ver tal como ela é — o trabalho e o descanso, a força triunfante da máquina e o esforço tantas vezes doloroso do homem e do animal, o rio indiferente na sua beleza, a anedota dum desastre, gestos, atitudes, que em *Douro, faina fluvial*, se nos oferecem em imagens ora rápidas ora lentas, rápidas por exemplo nesse *morceau de bravure* que é a descrição da ponte, dum ritmo perfeito, lenta por exemplo nas tão belas imagens finais, quando, terminado o trabalho, a vida vai afrouxando enquanto a tarde cai, numa sucessão de imagens que parecem tornar-se mais lentas quanto mais a luz baixa.

Realizado assim, um documentário ganha um valor que é indispensável, quanto a mim, à obra de arte: um valor humano. Humano, porque exprime o homem na realidade do seu esforço, e paisagens, ambientes, coisas, em relação ao homem; a vida portanto, nessa penetração do homem e da natureza e do que explica um pelo outro, e que assim mais vivos os mostra.

Em breve, vocês, leitores do MOVIMENTO, podereis ver que não menti — e digo-vos até que moderei a minha vontade de usar adjectivos laudatórios não fôssem lembrar-se vocês de dizer que o fazia por amizade! — e que de facto, *Douro, faina fluvial*, não é apenas o primeiro documentário português de grande classe, mas, em qualquer parte do mundo, uma bellissima manifestação de cinema de vanguarda.

Adolfo Casais Monteiro



Oh! A ansiedade louca de partir!
Erguer-se no azul, e subir, subir,
Subir sempre mais, mais longe
Mais alto!
E numa alegria, e num sobressalto,
Perder-se no azul, perder-se...
Fugir!

V E M

A Í

O V E R Ã O!

Vem aí o verão! Vem aí o verão!

Já cantam pardais...
Já gaivotas pairam, de asa branca aberta...
Já o céu é claro
E o sol brilha mais!

Vem aí o verão! Vem aí o verão!

Já chamam as ondas pela mocidade!
Já o ar se torna leve, perfumado,
Mais fino,
Airoso, alegre, lavado,
Nem parece o ar soturno da Cidade...

Vem aí o verão! Vem aí o verão!

Já navios partem, como um sonho moço...
Procuram as ondas
E, nos seus mil braços,
Enleiam-se e prendem-se
Em dez mil abraços!

Já navios partem desfraldando as velas!
E nas velhas ondas, rejuvenescidas,
Pairam velas brancas, velas coloridas,
Vermelhas! Azues! Amarelas!

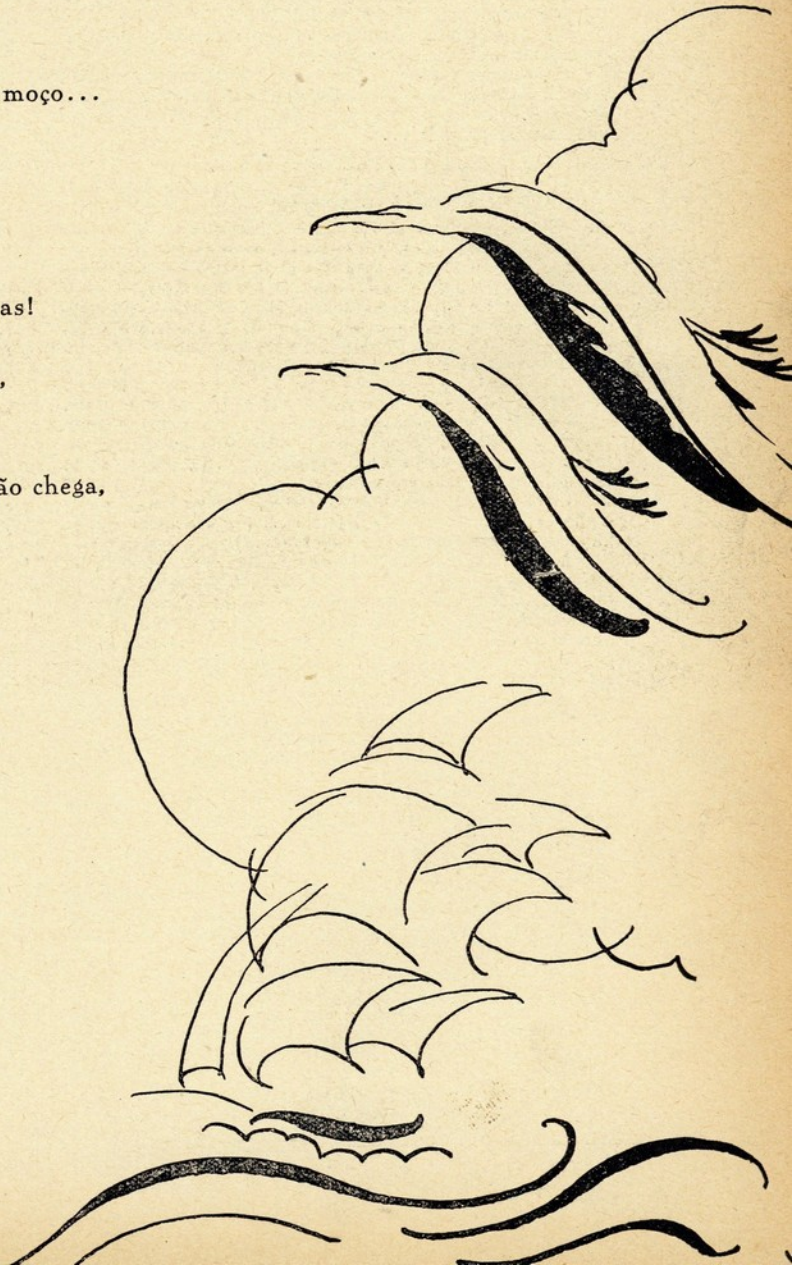
Há porém invernos a que o verão não chega,
E navios mortos no cais silencioso!

Oh! As velas mortas
E os mastros erguidos!
Asas que não voam,
Desejos perdidos!
Sonhos mal sonhados
Que se não realizam!
Beijos que não beijam
E se inutilizam!
Oh! A ansiedade louca de partir!
Erguer-se no azul, e subir, subir,
Subir sempre mais, mais longe,
Mais alto!
E numa alegria, e num sobressalto,
Perder-se no azul, perder-se...
Fugir!

Mas rompem-se as velas
E quebram-se os mastros,
E jamais percorrem
Os sonhados rastros!

Vem aí o verão! Vem aí o verão!
Já cantam pardais...
Já gaivotas pairam, de asa branca aberta...
Já o céu é claro
E o sol brilha mais!

Armando Vieira Pinto



CRÍTICA

DE FILMES

Catolicismo — De ténue conflito, desenvolvendo-se em moroso andamento, agravado por inúteis desvios de exclusivo valor espectacular, este filme comercial de propaganda católica não é de todo despido de merecimentos. Mas esses merecimentos são meramente exteriores porque resultam da grandiosidade e imponente beleza do cenário natural em que se desenrola a maior parte da história e não do conteúdo dessa própria história ou da forma cinematográfica como ela foi tratada.

No desempenho salienta-se Gustav Froelich num trabalho equilibrado, sóbrio e seguro.

Informam-me que este filme sofreu diversos cortes, tendo a sua finalidade e as suas possíveis intenções sido propositalmente alteradas. Se isto é verdade, é triste e reprovável que assim se proceda!...

Peg do meu coração — Um filmezinho insignificante que não sai dos moldes convencionais da opereta, mas que não desagrada totalmente. Para mim, pelo menos, possui um factor de apreço: Marion Davies, uma das mais interessantes artistas de comédia do cinema americano. O seu desempenho, sempre seguro, inteligente e gracioso, chega a fazer-nos esquecer, por vezes, o mau aproveitamento da história e a fraquíssima realização de Robert Z. Leonard.

Hoop-la — A experiência que em tempos fizeram, dando a Clara Bow a interpretação dum personagem difícil, literário e complexo, fora do seu género habitual, não foi coroada de grande êxito. E, pelos vistos, não quiseram repetir a aventura...

Clara Bow aparece-nos de novo, trasbordando «sex-appeal», num papel de «flapper»... (de «flapper» que já não arranja processo de não engordar...)

A enormíssima popularidade de Clara Bow criou-se, há meia dúzia de anos, com este género, o único que acerta bem com o seu temperamento e se acomoda às suas possibilidades artísticas, que não vão por aí além. E é neste género que eu prefiro vê-la e nele, unicamente, ela manterá ainda por algum tempo a simpatia dum público que não esqueceu a Clara Bow de «Aquilo» e de «Hula».

Mas a sua decadência é evidente... inevitável. E não são filmes de acção e realização banais, como *Hoop-la*, que a salvarão da queda... se bem que este filmezinho de Frank Lloyd, em que há cenas realmente bem arranjadas, não seja de todo falho de interesse.

Ao lado de Clara Bow destaca-se, num excelente desempenho, compondo uma curiosa figura, o jovem actor Richard Cromwell.

Os meus meninos — Entre os melhores filmes apresentados no Porto, no curso desta temporada, *Os meus meninos* toma um justo lugar de destaque.

Quando querem, os americanos também sabem fazer e bem, filmes que digam e que contenham alguma coisa. E, caso curioso, é sempre nestas obras de elevado valor humano, nestas histórias simples arrancadas da vida, que empregam a técnica mais simples e os processos menos ousados. (Lembrem-se de *O meu campeão*, que também serve de exemplo). O maior mérito de *Os meus meninos* reside menos na sua construção do que no seu conteúdo. Clarence Brown quasi não saiu da forma objectiva, desaproveitando cenas em que um estilo menos literário teria acrescentado

mais valor ao seu filme — o que, aliás, já possui e em alto grau. Na cena depois do julgamento ou na cena em que a boa ama fica sosinha em casa, arrependida de ter expulso *os seus meninos*, a quem já perdoou o egoísmo e a ingratidão, Clarence Brown podia ter-nos dado, à maneira de Mamoulian (e mais do que o fez), por palavras e por imagens que chamarei «interiores», o estado de espírito ou o cruzamento de pensamentos e recordações que se travava no íntimo dessa extraordinária figura de mulher. Mas nem por isso a obra perdeu o seu valor humano, marcado a cada passo por detalhes de profunda e inteligente observação. De resto, este reparo, não pretende ser desprimoroso para a realização de Clarence Brown que, se é simples, nem por isso deixa de ser absolutamente segura, detalhada, cuidada e sem a menor quebra de ritmo.

Para o papel de velha criada, que aos *seus meninos* dedicou trinta anos de dedicação constante, de trabalhos, de tormentos e de cuidados, por fim tam mal agradecidos, foi escolhida Marie Dressler. O seu desempenho, que nenhuma outra actriz, ou só talvez Vera Voronowskaia saberia igualar, é magistral, sentido, vibrante. Marie Dressler não procura «efeitos». A actriz não se faz notar, porque fica apenas a *mulher*, uma mulher admirável, açoitada pela vida que lhe não sorri como merece...

Lamento que o detestável «dubbing» em francês tenha prejudicado o valor da interpretação, quer de Marie Dressler, que não podemos apreciar devidamente, quer dos outros artistas cujos «doubles» se limitam a dizer e mal os seus «recados».

Uma nota à margem de *Os meus meninos*: Compreendo agora a razão porque este filme levou tanto tempo a chegar ao Porto. Na noite de estreia de *Os meus meninos* a sala do «Trindade» oferecia um aspecto desolador. Dois terços dos lugares estavam vazios... E no dia seguinte, e em todos os outros dias da semana, o público não foi, o público não quis ver uma das obras mais profundamente humanas do cinema.

Filmes bons? Para quem? Deem-lhe *Infernos Submarinos*; deem-lhe *Violetas Imperiais*; deem-lhe *A Leste da Ilha de Borneo*; deem-lhe *Uma Rapariga ao Volante*, deem-lhe todas essas imbecilidades com o Mojica, com o Ramon Novarro, com o Raul Roulien e deixem-no divertir-se e embrutecer-se. É isso que o público quer. É por isso que éle paga. E como o cinema vive da generosidade desse público que enche ou esvazia, a seu capricho, as salas de espectáculo, nós, nós os que amamos o cinema, mas que tam pouco podemos contra a força imensa da mediocridade, do mau gosto e da estupidez, tenhamos ao menos a coragem de acusar bem alto a inferioridade desse público que é o maior responsável pelo aprisionamento da arte cinematográfica nos cárceres da vulgaridade, do convencional e da parvoíce.

Alves Costa

PÁGINA DE MÚSICA

NOTICIÁRIO

O ilustre compositor Claudio Carneiro, está a concluir uma série de doze trechos fáceis para piano que, reunidos, formarão um álbum infantil, com o título de «Fábulas».

O mesmo artista, que é um dos mais notáveis representantes da escola impressionista, está também a terminar um programa de «lieders», para canto e piano, sobre poesias portuguesas de Cogumelho (Século XII), João Roiz Castelo Branco (Século XIII), António Corrêa de Oliveira e Eugénio de Castro.

CONCERTO

EURICO TOMAZ DE LIMA

Noite de verdadeiro encanto espiritual e inapagável recordação, foi a que nos proporcionou em 22 do passado mês de Março, este magnífico artista, mocidade de incontestável valor digna de toda a nossa admiração e carinho.

Apresentando-se mais uma vez ao público no Salão da Academia Mozart, de que é inteligente e activo director-artístico, Eurico Tomaz de Lima, num concerto composto exclusivamente de obras suas, deu ao seu auditório, que registamos numeroso e culto, mais uma revelação do seu bem definido e invulgar talento.

E assim, noite de deliciosa Arte foi essa, a que uma brilhante imaginação, um privilegiado temperamento, um verdadeiro «instinto artístico», na expressão do seu Mestre Rey Colaço, deram galhardia e delicadíssima elegância.

Eurico Tomaz de Lima, a-pesar-de jovem, é já um nome de que nos é grato salientar, por jus-



DIRIGIDA POR EURICO TOMAZ DE LIMA

tiça, o valor, mas que não necessita de encómios.

As suas revelações, quer apresentando os seus discípulos, quer apresentando-se como compositor e intérprete, são o melhor atestado do seu merecimento. Espírito de requintadas aspirações de beleza, não se detem facilmente. Devota-se apaixonadamente ao apuramento da sua obra, e, ante o público que num impulso de carinho e justiça o aplaudiu, obrigando-o a bisar «Dança portuguesa» em primeira audição, e «Movimento», afirmou-se o que realmente é: Uma das glórias artísticas da nossa terra. Executou: «Têma e Variações» em fá maior; «Sonata» em dó sustenido menor; «Estudo» em ré bemol; «Movimento»; «Fantoches»; «Barcarola»; «Dança portuguesa» e «Poema», para violino e piano.

Seduziu pela personalidade inconfundível da concepção, pelo relêvo e mimo requintados, e convenceu sobretudo, por aquele poder de transmissão que, quanto a mim, é a melhor corôa de glória dum Artista.

No «Poema» obra em primeira audição, Vieira Pinto, foi o colaborador de delicada sensibilidade e virtuosismo que se conhece, e a obra, dum técnica e brilho singular, impressionou absolutamente.

Eurico Tomaz de Lima, de quem o Mestre Viana da Mota disse: «Pode augurar-se-lhe um grande futuro» isto quando há anos cursava o Conservatório Nacional, orgulha-nos já, não por ser uma «esperança» da Arte em Portugal, mas porque é, de facto, um «virtuose», e um apreciável compositor.

A. L.

CINQUENTA ESCUDOS DE PRÉMIO

Desta vez a afluência de concorrentes foi enorme. Houve de tudo, graças ao Senhor! Desde as cartas ridículas às que pretendiam ter piada e desde as que tinham realmente espírito às que não tinham por onde se lhes pegasse.

Publicamos a seguir as cartas premiadas e rogamos às suas autoras — o sexo fraco continua vencendo em toda a linha — a fineza de passarem pela redacção a fim de receberem os seus prémios e de lhes ser feita uma proposta que talvez possa interessar-lhes.



— A melhor interpretação de Silvia Sidney e de Gary Cooper?

E, dum página do MOVIMENTO, a acompanhar esta pergunta, as fotografias destes dois cativantes artistas sorriem para nós como que a interrogar: — Lembras-te de mim? Lembras-te de mim?

Se me lembro de ti, Gary Cooper, e dum certa noite em que tu percorrias as «Ruas da Cidade» como um simpático Vagabundo, tendo como arte principal conquistar com tiros ao alvo, presentes para a tua doce amiguinha...

Como tu me pareciste, então, na frescura do teu sorriso franco na espontaneidade dos teus gestos de rapaz sadio e bom o ideal do companheiro de quem não se receia nada porque não há no teu olhar, nem centelhas de *sex-appeal*, nem esse revirar enlanguescedor dos outros, nem recantos escondidos onde a gente não sabe o que irá surgir.

E, contudo, como tu soubeste ser, depois, másculamente forte e cruel até, quando a amiguinha te exproboou a tua falta de energia para o trabalho — para o crime. Mas até no crime, Gary, tu sabias dominar pela tua rectidão e nobreza de atitudes, possuidor dum superioridade serena e dum orgulho frio que não diminuam o calor dum protecção que se sabia certa.

Dava vontade de a gente se fazer pequenina junto de ti... e esperar confiante que nos defendesses dos fantasmas.

Sim, foram *Ruas da cidade* a interpretação de Gary Cooper que mais me agradou. Nesse tempo, ainda eu não sabia distinguir — era a minha infância cinematográfica — se era arte ou espectáculo o que me seduzia num filme. Apreciava-os subjectivamente, sentia-os, vivia-os.

Eu nunca me apaixonei por nenhum galã, mas creio que, se soubesse resar, pediria a Deus que me deparasse um camarada como eu imaginei o Gary Cooper, através das *Ruas da cidade*.

Omaritu

¿ E da Silva Sidney? Qual a melhor interpretação?

Qual? pergunto eu também a mim própria.

Se em todos os seus trabalhos ela nos maravilha pela maleabilidade do seu temperamento e a riqueza das suas exteriorizações!...

Se ela sabe ser sempre simultaneamente tentadora e ingénua, amorosa e casta, grave e enternecedora!...

Sem grandes gestos, sem atitudes teatrais, ela percorre a gama das mais desvairadas emoções, ora intangível, ora miserável, mas sempre humana, sempre Mulher!

E às vezes, como ela sabe fazer-se adoravelmente pequenina!...

Ah! já sei de qual das suas interpretações gostei mais. Estou a vê-la nas *Ruas da cidade*, sózinha e frágil, dispor dum tam grande resistência para expirar o crime doutros, resistir ainda, mais tarde, aos desejos ardentes do homem que a cubiçava e acolher-se depois confiadamente, aos braços fortes que a souberam defender e preservar de todos os perigos.

As imagens que êste filme me deixou no sub-consciente, muito diluídas já, não me permitem comentar, passo a passo, as *Ruas da cidade*. Há, porém, duas cenas que nunca mais se apagarão do meu cérebro pelo muito que me fizeram vibrar.

Gary Cooper vai visitar a sua amiguinha à prisão. Tam alto, ela não pode chegar-lhe ao rosto para o acariciar. As suas mãos, tremendo, esboçam gestos de ternura que não ousa completar e, enquanto os lábios riem e os olhos riem, correm-lhe pelas faces lágrimas de emoção.

Então, sem desfitarem o olhar, ambos ajoelham junto às grades, ela tateia-lhe a face num enternecimento misto de alegria e desespero e beijam-se depois, desvairadamente, através dos ferros.

Nos olhos dela lia-se o encanto inefável de o tornar a ver e o ressaibo da amargura dos dias vividos; e, ao senti-lo, emfim, junto de si: Será verdade? Será verdade esta ventura?

A outra cena segue-se a esta quando a prisioneira, só no seu catre, recorda as frases trocadas na entrevista. Mas esta cena não a saberia eu descrever. Foi demasiado bela, demasiado grande.

É difícil escrever com outra preocupação que não seja fazer arte à custa das nossas emoções. Os interesses materiais estragam tudo; mas sei que fui sincera no que escrevi.

Das qualidades destes dois artistas tam grandes, só havia uma coisa a esperar:

Que seriam verdadeiramente bem Êles quando actuassem *juntos*, como nós os vimos nas *Ruas da cidade*.

Omaritu

Meu querido MOVIMENTO, felicito-te vivamente.

As ideias andam por cá muito paradinhas, e a tua ideia do concurso não me desagrada: tanto é do meu gôsto, que eu, nunca me sentindo levada a tentar a sorte por concurso — nem na Santa Casa, nem nos fósforos *Pátria* — estou com uma grande fé nos 100\$00, porque esta carta é de apologia aos teus dois eleitos do n.º 20.

Sim. Eu gosto da Silvy Sydney e do Gary Cooper! E, dizendo porque gosto de uma, digo ao mesmo tempo por que gosto do outro. Tão juntinhos Êles estão no meu conceito!

Dos trabalhos que citas não sei o que prefiro. A Silvy e o Gary não são dêsses actores facilmente amoldáveis às ordens dum realizador berrante e dictatorial. Se passares em revista os seus desempenhos, aperceberás que, nêles, o que há de bom, agrada, prende e até subjuga, é a sua personalidade.

Isso, e nada mais!

Das fitas de ambos — julgo ter visto todas — a sensação que fica é sempre que a Silvy e o Gary são assim na vida: ela, cinco-reis de gente carregada de ternura; êle, um tipo... como eu queria os homens todos.

Não a achas feia? E, ao vê-la, eu aceito que os homens queiram uma mulhersita assim, para tôdas as horas, sem que o tédio atemorize. É preciso ser-se mulher, conhecer a maldade e a perfídia do meu sexo, para compreender a excepção que eu louvo. Tu, MOVIMENTO, poderias supor a Sydney vivendo um papel de mulher em cujo fundo não estivesse, sempre, embora oculta, uma bondade?

E o Gary Cooper? O teu Manuel Oliveira é bem mais lindo — olá se é!!! Mas posso garantir-te que as mulheres — as que pensam — gostam mais do meu votado. Há nêle alguma coisa que é rara e admirável: uma superioridade máscula *natural*. Lembras-te de *Marrocos*? O que conquistou a Marlene? A certeza forte de ter, na sua frente, o homem que batalha e ganha... sem fazer por isso. Eis o que mais pode atrair e vencer a mulher.

Assentemos pois, MOVIMENTO! A Silvy Sydney e o Gary Cooper não são dois banais comediantes de cinema. Teem consigo uma verdade grande: a sua vida é a sua Arte, e a sua Arte é a sua vida.

Tua

Alice

P. S. — Não sei medir letras para impressão, mas julgo que a carta é pequena. Mas entendo também que as cartas de concurso não se medem aos palmos.

Alice

A carta de "Alice" que não recebe prémio, é publicada porque nos agradou sinceramente. Agradaram-nos também as de: «W», «Manuela», «Desconhecida», «Raúl» e «Má».



VAMOS RAPARIGAS E
RAPAZES! INSISTAM!
CINQUENTA ESCUDOS
DE PRÉMIO AO ME-
LHOR ENSAIO SÔBRE
A JANET OU O RAÚL
ROULIEN. O PRASO
TERMINA NO DIA 25
DO CORRENTE.

A TORTURA DO RIDÍCULO

DO PREFÁCIO:

«O autor não quer, de modo algum, tornar este livro um trabalho científico, mas sim fazer *compreender* a muitos o que é e o que vale o puro Cinema, a verdadeira Arte».

Do capítulo «O início da arte»:

«Segundo parece, o Cinema nasceu em 1895 descoberto pelos irmãos Lumière. Há, porém, quem diga que tal descoberta já não foi de então, mas sim de há muito mais anteriormente».

Do capítulo «As grandes firmas»:

«... Clara Bow entrou na Cinelândia por meio dum concurso de beleza a que foi e ganhou o 1.º prémio (em 1922). Desde então para cá, tem-se celebrado em todo o mundo, pessoal e financeiramente, empregando hoje uma boa parcela da sua fortuna na exploração duma mina de ouro, no Canadá».

«... «Aurora» é o drama da vida; «Aurora» é uma das grandes películas Fox; enfim, «Aurora» não tem narração possível, porque só os nossos próprios olhos o poderiam fazer...»

«... Charlie Chaplin (Charlot) é o maior actor da tela! A quasi totalidade da gente não considera como tal, porque ignora a importância deste génio, Charlot é, por vezes, o intérprete, realizador, encenador, argumentista, planificador e director das suas próprias obras. Assim acontece no «Circo», por exemplo: Charlie Chaplin realizava uma certa cena e, simultaneamente, interpretava-a.

«Desta maneira, já se pode avaliar um pouco do talento deste grande artista. «O Circo», logo a seguir a «Quimera do Ouro», é a segunda maior película de Charlot, e é também, sem dúvida, o que se pode chamar Puro Cinema. Charlot é ao mesmo tempo, actor trágico e cómico. Para verificarmos estas palavras, relembramos algumas cenas de filmes já exibidos e reexibidos. Assim, ele pode ser considerado o actor cómico quando o vemos em cenas que provocam, evidentemente, a hilariedade, como por exemplo nas tão engraçadas cenas da sala dos espelhos, no «Circo». Em compensação, ele é um formidável actor trágico nas cenas excessivamente dramáticas, como o vimos, por exemplo, na cena da ceia do fim do ano em que Chaplin tal máscara de ternura possuía que, por pouco se transformava em tristeza».

«... Outro grande actor dos «Artistas Associados»; Douglas Fairbanks. O seu melhor filme é «O Sinal do Zorro» e foi casado com Mary Pickford. Do primeiro matrimónio teve um filho, Douglas Fairbanks Jr. que se está popularizando por meio da «Metro». Douglas (pai) é amiguíssimo dos *sports* e tem em sua casa, à porta de entrada, quatro degraus que nunca calçou, porque, sempre que entre por esta porta, dá um salto, não necessitando, por isso, de os pisar».

«... Fritz Lang (no Cinema abstracto), Carl Dreyer, Jacques Feyder, Tourjansky e outros, são os nomes que mais tem concorrido para a reputação e engrandecimento da Ex-Arte-Muda, na Europa».

Do capítulo «As Fases dum Filme»:

«Convém, antes de mais nada, definir a palavra «filme». Um filme não é mais do que uma extensa tira de celuloze, com dois centímetros e meio de largura (tamanho universal), e perfurado aos lados. Um filme pode ser positivo ou negativo, consoante já tiver ou não, sido exposto.

Nesta página, MOVIMENTO submete à tortura do ridículo o sr. Camilo de Vasconcelos, publicando, sem comentários, alguns saborosos fragmentos do seu livro «Hollywood foco mundial do cinema» (propriedade e edição do autor — 1931)

«... A realização é o corpo de mais responsabilidade num filme, pois que é por sua causa que uma película resulta falha de visão, ou vitalidade».

«... Finalmente, o legendista é o indivíduo que ultima um filme, pois que é ele que, em cada país traduz as legendas do país originário adaptando-as com os calões e ditados da sua língua. Quando as películas se apresentam neste pé, a empresa produtora vende às firmas distribuidoras que as alugam às exibidoras que, por último, as apresentam ao público.

Do capítulo «A Técnica Cinematográfica»:

«... As *sobreposições* desempenham um papel importantíssimo na técnica cinematográfica, pois é por meio delas que, no desenrolar de certos entrecchos, nos são transmitidos os pensamentos, ou o sonho dum determinado artista. Requerem um hábil operador, pois que não são mais que uma dupla ou tripla exposição, isto é: a *camera* filma com metade ou 1/3 da sua objectiva tapada; depois inverte-se a posição, de modo que a parte até então tapada fica exposta e vice-versa. Resultado: um plano em que, além do personagem, se desenrola uma cena em que ele próprio pode figurar, aparecendo, portanto, duplicado».

«... Os *travellings* são deslocções da *camera* acompanhando o intérprete».

«... Qualquer dos aspectos que pelo *écran* nos seja proporcionado tem o nome comum de *plano*. Os planos dividem-se em seis espécies: *planos de pé*, *grandes americanos*, *americanos* (grôs plans), *planos italianos* (primeiros planos), *closes-up* e *long-shots*, respectivamente: focagem dos personagens completos; focagem dos personagens até aos joelhos; focagem dos personagens até ao nível do peito; focagem da cabeça, somente (em geral é o intérprete); e, finalmente, focagem de um grupo de artistas a distância».

Do capítulo «Costumes e Factos de Cinelândia»:

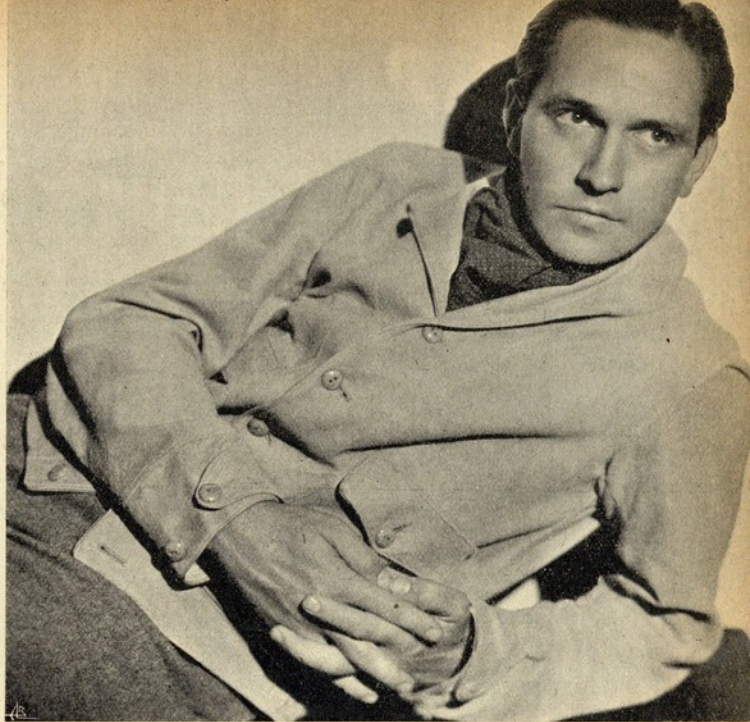
«... É, portanto, duma ousadia extrema estar a discutir assuntos em que lavra um desconhecimento absoluto».

«... A melhor *mèzinha*, a aplicar neste caso é um simples sorriso de desprezo. Para quê, proceder doutra maneira? Seria ensinar mósca, ou gritar no deserto, coisas a que, felizmente, não estamos afeitos».

FIM

MOVIMENTO possui e guarda com devoção um precioso exemplar do livro «Hollywood-foco mundial de cinema», ilustrado com o retrato do autor.

"MOVIMENTO" APRESENTA A SUA NOVA COLABORADORA ADRIANA QUE FALA SOBRE FREDRIC MARCH



Cada século tem os seus heroís, os seus ídolos.

À idade da máquina, ao século da T. S. F., como usam chamar a este nosso, corresponde por símbolo de admiração: — o astro do cinema.

Êste pode e deve orgulhar-se de ser, na estima do público, sucessor directo dos «Atletas» gregos, dos «Demagogos» latinos, dos «Paladinos» medievais, dos «Artistas do Renascimento», dos «Pensadores» do século XVII, dos Filósofos do século XVIII e dos «Poetas» e «Sábios» do XIX...

Ser actor do cinema corresponde para a maioria dos nossos contemporâneos, a um estado quasi semelhante ao da Graça e assim imaginam que os seus preferidos vivem em gôzo constante.

Por isso muitos actores ao chegarem ao pináculo da Glória envolvem-se a si e ao seu passado num limbo de mistério, deixando o público fantasiar-lhes uma existência de sonho...

Tal não é porém o caso da figura de que hoje nos ocupamos...

Fredric March é americano o que equivale a dizer que no fundo é «bom rapaz»... para chegar ao cinema não sofreu misérias como tantos apregoam... estudou e um dia encontrou-se no teatro. Em vez de surgir inesperadamente em papeis de vulto, contentou-se em ser ajudante de contra-regra e assim aprendeu todos os segredos da técnica. Depois de conhecer o teatro por dentro, fez a sua aparição no palco e foi subindo na escala dos valores com mantida regularidade.

Quando chegou a Nova York já foi em categoria de estrêla e o seu nome cintilou nos cartazes luminosos de Broadway... Hollywood só então o viu. A Paramount interessou-se por êle; e em 1928 Fredric parte para Los Angeles.

Êle que tivera sempre, uma vida o mais realista possível, passa agora a viver o seu romance.

Mercê do seu belo tipo é escolhido para encarnar papeis de galã; mas não dêsse galãs desportivos, o seu perfil de linhas quasi clássicas não casa bem nos modernos trajos... Fredric deve enveredar pelo caminho do passado e assim, após um papel de pouco vulto, espécie de «bout de essai» ao lado de Clara Bow, em «Louca Orgia», onde ostentara um farto buço, ei-lo que se torna conhecido pelo seu Dr. Jekyll de sabor tão romanesco, verdadeira obra «fim de século».

Cecil B. de Mille vê para além do «monstro» e do «medico» e descobre-lhe os dotes necessários para o seu «superbo» Marcus... E Fredric dá-nos mais uma criação, cheia de vigor, êsse romano forte, leão invencido que se curva ante a simplicidade duma Virgem Cristã...

Quanto a mim êste seu segundo trabalho é bem superior ao primeiro...

No «Monstro» a máscara formara o ambiente necessário ao jôgo estríonico ao passo que Marcus age a «cara descoberta».

Para que citar mais criações? O valor dum intérprete não se julga por páginas de prosa, é frente à tela que se analisam figuras e temperamentos artísticos...

Todos aqueles que o viram podem julgar bem mais seguramente do seu valor.

Para terminar recordo apenas que a sua carreira, embora não tenha sido das mais difíceis, não se pode também alcanhar de caminho de rosas, pois Fredric March, esteve quasi condenado à cegueira em razão dos tormentos sofridos com a difícil e dolorosa caracterização do «Médico e o Monstro».

Tal é em sùmula a carreira dum dos astros mais em voga e carreira esta que está longe da meta. Fredric completa em Agosto trinta anos e ainda conta com um longo e próspero futuro...

CINEMATOGRAFIA

PORTUGUESA

(Continuação do número anterior)

Começamos, cronologicamente, por *Vêr e amar*, estreada em Fevereiro, editada pela Sociedade Geral de Filmes e que foi a estreia do realizador Chianca de Garcia. Foi este filme interpretado por Heloisa Clara, Celeste de Oliveira, Dr. Alvaro Horta e Costa, Erico Braga, Vitor Lopes e António Duarte.

Segue-se *A Castelã das Berlengas*, em 10 partes, da empresa «Melo, Castelo Branco», realização de António Leitão, com legendas de Acúrcio Pereira, filmada por Manuel Luiz Vieira. Intérpretes principais: Ida Krüger, Fernanda de Sousa, Judith Simões, António Fagim, Machado Correia, Tomaz de Sousa, Eugénio Simões, Casimiro Rodrigues, António Duarte, Nicolau Felgueiras, José Cardoso, Celestino Pedroso e Armando Aguiar.

Vimos depois *Maria do Mar*, primeira produção da «Sociedade Universal de Super-Filmes», (S. U. S.) que Leitão de Barros realizou, com legendas de Norberto Lopes e cujos operadores foram Luiz Vieira e Salazar Diniz. Interpretaram este filme, crónica da vida dos pescadores da Nazaré, os papéis principais: Rosa Maria, Adelina Abranches, Perpétua Rosa dos Santos, Maria Léó, Eduardo Oliveira Martins, José Alves da Cunha, Dr. Alvaro Horta e Costa, António Duarte e Rafael Alves.

Touros por amor, uma farça em 3 partes realizada por Alexandre Amores e que teve como operador Augusto Seara, foi interpretada por Julieta Palmeira, Francisco Machado, Feliciano Besina, Bernardino Silva e Benjamin Machado.

Inicia-se então o ciclo dos documentários que marcam simultaneamente em quantidade e qualidade. *Alfama, gente do mar*, realizado por João de Almeida e Sá, editado pela empresa «Ulysses-Filme» e com fotografia de Artur Costa Macedo; *Lisboa*, cine-crónica anecdótica, segundo a classificação do próprio realizador Leitão de Barros, que foi editado pelo empresa «Salm Levy Júnior & C.ª» e fotografado por Artur Costa Macedo, tendo como intérpretes principais: Adelina Abranches, Perpétua Rosa dos Santos, Tereza Gomes, Ester Leão, Jesuina de Chaby, Maria Léó, Adelina Fernandes, Beatriz Costa, Ema de Oliveira, Aura Abranches, Fernanda Arez, Chaby Pinheiro, Augusto de Melo, Estêvão Amaranite, Augusto Costa, Vasco Santana, Nascimento Fernandes, José Alves da Cunha, Erico Braga, Júlio Soares, Alfredo Ruas, Gil Ferreira, Francisco Mesquita e Alfredo Arez; finalmente *A vida do soldado*, 2:600 metros, editado pela «Lisboa-Filme», argumento e realização de Aníbal Contreiras, interpretado por Gabriela de Oliveira, Perpétua Rosa dos Santos, Dina Roma, Angelina de Almeida Silva de Almeida, Carlos Azedo, Vitor Pacheco, Francisco Ricardo, Armando Malveira, Francisco de Almeida e Jorge Pacheco.

Em Janeiro de 1931, organiza-se, em Lisboa, a «Sagres-Filme». Em Fevereiro aparece o filme *Nua*, da «Tagide-Filme», argumento de Alberto Castro Neves, realizado por Maurice Mariaud e fotografado por Maurice Laumann. Intérpretes: Rosa Maria, Saur Ben-Hafid, Maria Tereza Araújo, Dina Vilhena, Emilia Moreira, Eduardo Malta, António Leitão, Alberto de Castro Neves, Tomaz de Sousa, Valentino Cristus, António Matos, Álvaro Coimbra e F. Ferreira de Mesquita.

Seguiu-se, na produção nacional, o drama *Em família*, cuja filmagem fôra iniciada em 24 de Dezembro do ano anterior. Foi seu argumentista e realizador Alexandre Amores e operador Artur Costa Macedo. Intérpretes: Julieta Palmeira, Rafael Alves, Manuel Baptista e Alberto Castelo.

Em Junho liquida a antiga empresa «Invicta-Filme», realizando-se o leilão do seu *stúdio*.

Dêse mesmo ano os filmes: *Tragédia rústica*, realizado por José Alves da Cunha, fotografado por Manuel Luiz Vieira e interpretado por José Alves da Cunha, Gastão Alves da Cunha, Dr. Pais Azevedo, Felícia, Costa Pereira, etc.; *A grande actriz*, documentário local, romantizado, de Lourenço Marques, argumento de Hélio da Costa Moura, realizado por João Fernandes Tomaz; *A Portuguesa de Nápoles*, argumento e realização de Henrique Costa, fotografia de Manuel Luiz Vieira e produção da firma «Melo, Castelo Branco, L.ª», um documentário histórico tendo como assunto a acção de Leonor da Fonseca Pimentel, na revolução napolitana, de 1799, que foi estreado em Lisboa, no cinema Odeon, em 15 de Junho. Foram seus intérpretes: Maria do Céu Foz, Heloisa Clara, Elia Rey, António Pinheiro, Rafael Alves, João Sabino, Vitor Cruz, Joaquim Pimentel, Domingos Poeira, Duarte Costa, Francisco Sena, Mário Ferreira, Campos Pereira, Júlio Costa e Jaime Ferreira, além duma numerosa figuração de cerca de 300 pessoas.

Foi ainda em Junho de 1931 que se exibiu pela primeira vez *A Severa*, o primeiro fono-filme português, realizado por Leitão de Barros e filmado por António Salazar Diniz. Foram seus intérpretes principais: Dina Moreira (na protagonista), Maria Sampaio, (a Marquesa), Maria Isabel (a Chica), Luiza Durão, Regina Montenegro, Mariana Alves, Matilde Matos, António Luiz Lopes (o Conde de Marialva), João Ribeiro Lopes (o Custódia), Silvestre Alegirim (o Timpanas, boleeiro), António Fagim (o Romão, alquilador), D. António Lavradio, Augusto Costa, Eduardo Dores, Patricio Alvares, Oliveira Martins, Francis, Luiz Durão e os seus guitarristas, Paradela de Oliveira, José da Silveira Cosme e Fernando Luiz Silva.

Foi ainda em 1931 que se fundou a «Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm» (que mais tarde, em 1933, havia de modificar o nome para «Tobis Portuguesa», simplesmente). Esta empresa adquiriu a Quinta das Conchas, ao Lumiar, onde iniciou imediatamente a construção do seu *stúdio*.

No ano de 1932 poucos filmes portugueses se exibiram ou produziram. À cabeça do rol *Campinos do Ribatejo*, estreado em Lisboa, no dia 6 de Setembro, no S. Luiz-Cine, argumento e realização de António Luiz Lopes, fotografia de António Salazar Diniz, César de Sá e Fernando Quintela. Foram seus intérpretes principais: Maria Helena (a filha do Lavrador), Maria Lalande (a irmã do Maioral), Dina Vilhena, António Luiz Lopes (o Maioral), Gil Ferreira (o Lavrador), Tomaz de Sousa (o Ferrador), Francisco de Seves (o Médico), o pequeno Rafael Lopes (o Ajudante do Maioral), José Oliva, Afonso Cunhal e Rafael Alves. O filme foi musicado por Jaime Mendes.

Outros filmes dêse ano: *Meias medidas*, comédia-réclamo realizada por Antero Faro e interpretada por Silvestre Alegirim, Maria Olinda e Carlos Arbués, e *Amor de mãe*, estreado em Outubro, nos cinemas Odéon e Palácio, realizado por Carlos Ferreira, tendo como protagonista Erícia Costa.

Estamos chegados a 1933, ano que teve como acontecimento marcante a feitura e apresentação d'*Canção de Lisboa*, o primeiro fono-filme da «Tobis Portuguesa», cuja filmagem foi iniciada em '17 de Junho, sob a direcção de Cotinelli Telmo. Antes porém das notas que lhe dizem respeito, devemos apontar, seguindo a ordem cronológica, outros factos da cinematografia nacional, referentes ao ano.

O primeiro, em data e importância, foi o início da filmagem, em meados de Junho, de *Gado Bravo*, primeira produção da empresa «Bloco H. da Costa», argumento de Erich Pilleppi, realizado por António Lopes Ribeiro e Max Nosseck, com partitura de Hans May e Luiz de Freitas Branco, versos de António Botto, fotografia de Nunes das Neves e Heinrich Gartner e arquitectura de Lippchitz. Tem como intérpretes principais: Nita Brandão, Oly Gebauer, Raúl de Carvalho, Artur Duarte, Mariana Alves, Siegfried Arno, etc.

(Continua no próximo número)

O NOSSO NÚMERO DE VERÃO

Terminaram os trabalhos preparatórios do nosso NÚMERO DE VERÃO. A partir de hoje encontra-se aberta a inscrição, em todos os pontos do país onde a nossa revista é vendida. Para as localidades onde se não encontre à venda o MOVIMENTO, a inscrição é feita directamente para esta redacção. Juntamente com o pedido de inscrição deve ser-nos enviada a importância de Esc. 750, importe do número, enviando nós em troca o documento de inscrição respectiva.

No intuito de tornar tão fácil quanto possível a inscrição para o NÚMERO DE VERÃO, não nos limitamos a enviar as listas para essa inscrição às tabacarias e quiosques onde é vendida a nossa revista. Inúmeros estabelecimentos comerciais, barbearias, cabeleireiros de senhoras, engraxadorias, etc., se puseram à nossa disposição.

A INSCRIÇÃO PODE PORTANTO SER FEITA EM TODOS OS LOCAIS ONDE SE ENCONTREM EXPOSTOS OS PEQUENOS CARTAZES ANUNCIADORES DO NOSSO NÚMERO DE VERÃO.

OS PRÉMIOS

Entre os possuidores deste número extraordinário da nossa revista serão sorteados inúmeros e valiosíssimos prémios. Número a número iremos publicando as suas fotografias e fazendo ao mesmo tempo publicamente os nossos agradecimentos às casas comerciais que gentilmente nos-las ofereceram. Neste número publicamos já, na capa da nossa revista, o PRIMEIRO PRÉMIO, que será: UMA CASA CONSTRUÍDA NO LOCAL DO CONTINENTE QUE O CONCORRENTE PREMIADO INDICAR. Além disso e para facilitar a aquisição do prémio, a Administração da nossa revista oferecerá também o terreno, até à importância de QUINZE MIL ESCUDOS.

As fotografias dos SEGUNDO, TERCEIRO e QUARTO PRÉMIOS, que serão, respectivamente, UM AUTOMÓVEL, UM PIANO da marca GUSTAVO LUTZE e UMA MOBÍLIA, serão publicados já no nosso próximo número.

**A partir de hoje
a inscrição en-
contra-se aberta
em todo o país**

A INSCRIÇÃO, PARA OS ASSINANTES DA NOSSA REVISTA

Os assinantes da nossa revista beneficiam de um desconto no preço de inscrições. O NÚMERO DE VERÃO ser-lhes-á enviado pelo preço de quatro números ordinários, ou seja, apenas por SEIS ESCUDOS. Todos os nossos assinantes são considerados inscritos para o NÚMERO DE VERÃO, começando nós a fazer a cobrança da respectiva importância a partir do dia 15 de Maio, a todos aqueles que, até essa data, ou a não tenham enviado, ou nos não tenham prevenido que não desejam inscrever-se para receber o referido NÚMERO DE VERÃO.

O SORTEIO

O sorteio dos prémios será feito por intermédio da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia. As suas bases serão oportunamente publicadas na nossa revista, sendo os números premiados publicados em todos os jornais diários do Porto e Lisboa, após a efectivação.

A TIRAGEM

A TIRAGEM DO NOSSO NÚMERO DE VERÃO SERÁ RIGOROSAMENTE REGULADA PELO NÚMERO DE INSCRIÇÕES, SENDO O NÚMERO ENVIADO APENAS ÀS PESSOAS QUE SE TENHAM INSCRITO PARA O RECEBER.

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES

**Um prémio de QUINHENTOS
ESCUDOS, ao correspondente que
maior número de inscrições consiga**

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Sala de espera

Os jornais diários publicaram há dias esta notícia a qual é inútil fazer comentários:

«BERLIM, 23 — A Inspeção dos Cinemas acaba de proibir a exhibição na Alemanha dum filme americano, no qual o campeão do mundo de «box», Max Baer, desempenha o principal papel, ao lado de Jack Dempsey e de Primo Carnera. O perito do Ministério da Propaganda Nacional insurgiu-se contra a apresentação do filme, devido a Max Baer ser israelita. Há quinze dias que o filme em questão vinha sendo exhibido num cinema de Berlim, com enorme successo. O público berlinense acolheu-o com entusiasmo e não se tinha produzido até agora o menor incidente. O consul geral dos Estados-Unidos em Berlim e o embaixador do mesmo país, que foram imediatamente informados da decisão tomada pela censura alemã, avisaram os meios competentes americanos. Os círculos americanos interessados não deixaram, durante as negociações que precederam a autorização primitiva para o filme ser exhibido na Alemanha, de acentuar que a interdição, motivada pelo facto de Max Baer ser judeu, causaria uma péssima impressão nos meios desportivos americanos.» Soma e segue.

Já se conhecem os resultados da classificação anual da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas de que vos falei num número anterior:

— *A melhor fita*: «Cavalgada».

— *A melhor interpretação feminina*: Katherine Hepburn, no filme «Morning Glory».

— *A melhor interpretação masculina*: Charles Laughton, no filme «A Vida Privada de Henrique VIII».

— *A melhor fotografia*: Charles Lange, no filme «Adeus às Armas».

— *A melhor sonorização*: «Adeus às Armas».

— *A melhor decoração*: «Cavalgada».

— *A melhor realização*: Frank Lloyd, no filme «Cavalgada».

— *O argumento mais original*: «One way Passage».

— *O melhor desenho animado*: «Os 3 porquinhos» de Walt Disney.

— *O melhor documentário*: «Krakato».

Expediente

DAVID COSTA ARAÚJO — Já lhe enviei o postal que aqui tinha para si.

O PRÍNCIPE NEGRO — Estava estranhando muito o seu prolongado silêncio e não foi sem surpresa que recebi a sua carta datada de Lourenço Marques. Então que tal se dá por aí? Que fitas se exibem por esses cinemas? Escreva uma carta muito grande e conte, conte muitas coisas. É natural, sim, que o MOVIMENTO chegue aí bastante atrasado. Porque não assina você a nossa revista? Recebê-la-ia mais regularmente. A propósito: Você, que é amigo, deve ter facilidade em nos arranjar umas dezenas de assinaturas... Será capaz disso? Transmitem o seu postal a «M. o Invisível». Não se esqueça de me dar sempre notícias suas.

MOVIMENTÓFILO — Veja nos números anteriores, deve encontrar o que deseja. Não esteja em cuidado. As amendoas não me fizeram mal. Nenhuma leitora se lembrou de mim... Trago-as aqui nas palminhas e nem sequer me adoçam a bôca, ao menos pela Páscoa...

UMA FEIA — Não nos zangamos com os seus justos reparos. Nós fomos os primeiros a notar os defeitos que aponta e vamos tratar de os evitar daqui para o futuro. Agradecemos sempre que os nossos leitores e amigos nos transmitam com sinceridade o seu parecer sobre MOVIMENTO, assim como receberemos com prazer todas as respostas inteligentes que nos façam. Publicamos um artigo de Casais Monteiro no último número. Como vê, ele não se esqueceu dos seus fieis leitores. Mostrei a sua carta ao Vasco Rodrigues e ao Alves Costa. Prometemos fazer-lhe a vontade. A ideia da criação do «Club Cinematográfico» está um pouco desamparada por aqueles que deviam pôr-se em filas serradas a nosso lado. Não é verdade que a Tobis tivesse convidado Manuel de

Oliveira para realizar um filme. A Tobis pertence a uma «panelinha» e não será muito fácil dar lugar àqueles que vivem fora dessas coisas... ainda que tenham muitíssimo mais valor do que os que estão de dentro. Suponho que «Liliom» de Fritz Lang, já deve estar concluído. Pergunta você o que me parece o crítico do «Cine-Mundial», que chama à «Romanza Sentimental»: «uma fita em que se vêem muitas árvores a correr e uma mulher gorda a tocar piano». Olhe, não diga nada a ninguém, mas parece-me que não fica a dever nada ao Edurisa... Escreva mais vezes, recebo sempre com muito prazer as suas cartas.

CINÉFILO LISBOETA — É assim o seu pseudónimo? «Viva a Liberdade» de René Clair não se exhibirá em Portugal por ter sido considerado pela censura portuguesa como obra subversiva... Não se sabe ainda quando a Tobis Portuguesa recomeçará com a sua actividade. Agora um pedido. Quando voltar a escrever-me tome previamente uma duche fria. Deve fazer-lhe bem.

CHARLES BOYER — Começemos pelo fim da sua carta. O meu amigo engana-se quando diz que num filme o argumento é elemento secundário. Pelo contrário, deve interessar-nos tanto o «fundo» como a «forma» da obra cinematográfica. Não é a ideia que deve servir a técnica, mas a técnica que deve servir a ideia. Eu também sou da opinião dos críticos que, louvando o valor técnico de «Alvorada», condenaram esse filme pelo que encerra de perigos. Bem entendido, as opiniões sobre «Alvorada» dependem das ideias de cada um... Não vemos filmes russos em Portugal por duas razões: porque são considerados pouco comerciais e porque a actual política nacional dificulta tanto quanto possível a entrada desses filmes. Fred Niblo morreu. Alexandre Korda não é inglês. Transmitem a Armando Vieira Pinto as suas felicitações pelos seus dois primeiros artigos sobre Cinema Nacional. Também considero «Cavalgada» um dos melhores filmes apresentados durante a corrente temporada, a despeito do seu espírito conformista e burguês. Alexandre Serpa continua colaborando regularmente em MOVIMENTO e encontra-se entre nós passando as férias. Continue a escrever. Até breve.

ROBERT — A Europa está perdendo dia a dia os seus melhores artistas. Em Março deu-se mais uma debandada para Hollywood. Depois de Lilian Harvey, de Charles Boyer e de Henri Garat, a «Fox» acaba de chamar André Berley, Annabella e Pierre Brasseur. Partiram também para a América, Danièle Parola e Jean Murat.

UM GRANDE AMIGO DE MOVIMENTO — Tenho tanto que ler que não costumo perder tempo a folhear esses jornalecos. Deixá-los lá dar quantas piadinhas eles quiserem. Alguns desses senhores devem ter sido queimados no sábado de Aléluia... Obrigado pelas suas palavras de amizade e simpatia.

VELHO CINÉFILO — Parece que, de facto, Annabella e Jean Murat... sim, não sei se me entende. Mas com isso nós não temos nada. A direcção de Lian Deyers é a seguinte: Berlin-Halensee, Kustfuerstendamm, 103, bei Frau Dr. Kerstan.

HERNANI TEIXEIRA — Por que não traduz a sua amizade por MOVIMENTO em meia dúzia de novos assinantes? Não posso dar-lhe a minha opinião sobre «Eu sou um evadido» porque esse filme ainda não foi exhibido no Pôrto. Dizem-me, todavia, que é uma obra interessantíssima e de raro valor. Consta que «Gado Bravo» será finalmente estreado em fins de Abril. Nita Brandão encontra-se, neste momento em Paris, onde tem residência.

Apartado n.º 13

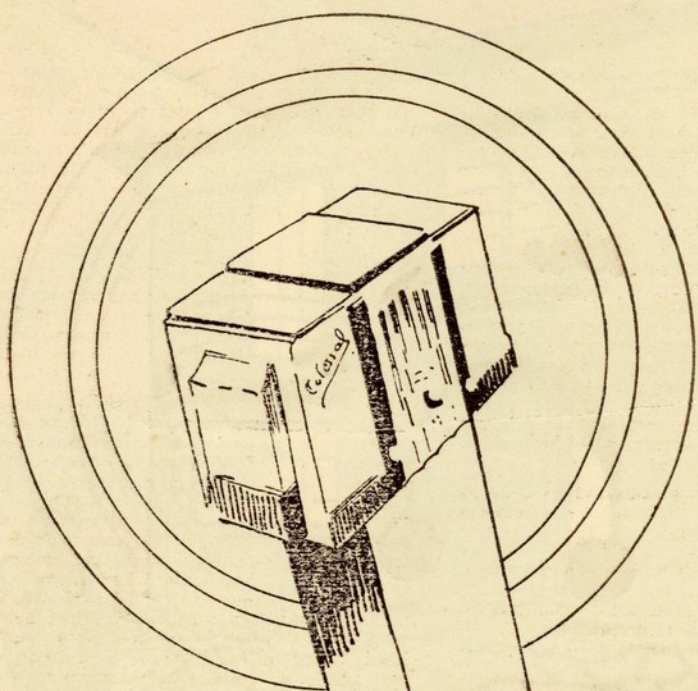
CINÉFILO LISBOETA... deseja trocar correspondência com «Rei da Cinelândia» e «The King of the Cine».

CHARLES BOYER... deseja corresponder-se com o Príncipe Negro.

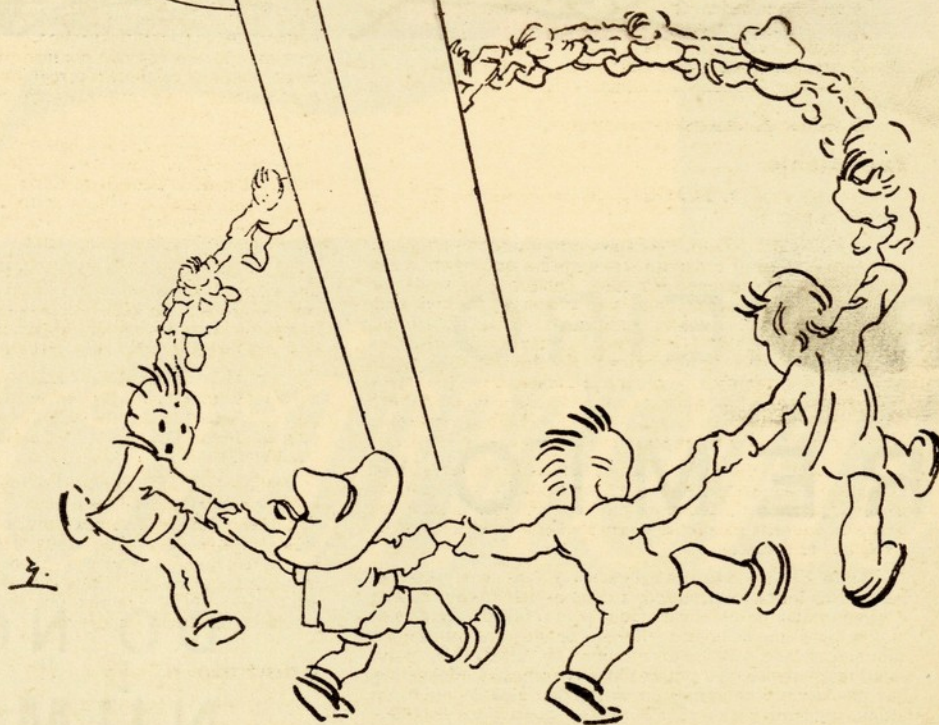
Amok



COLOSSAL RADIO



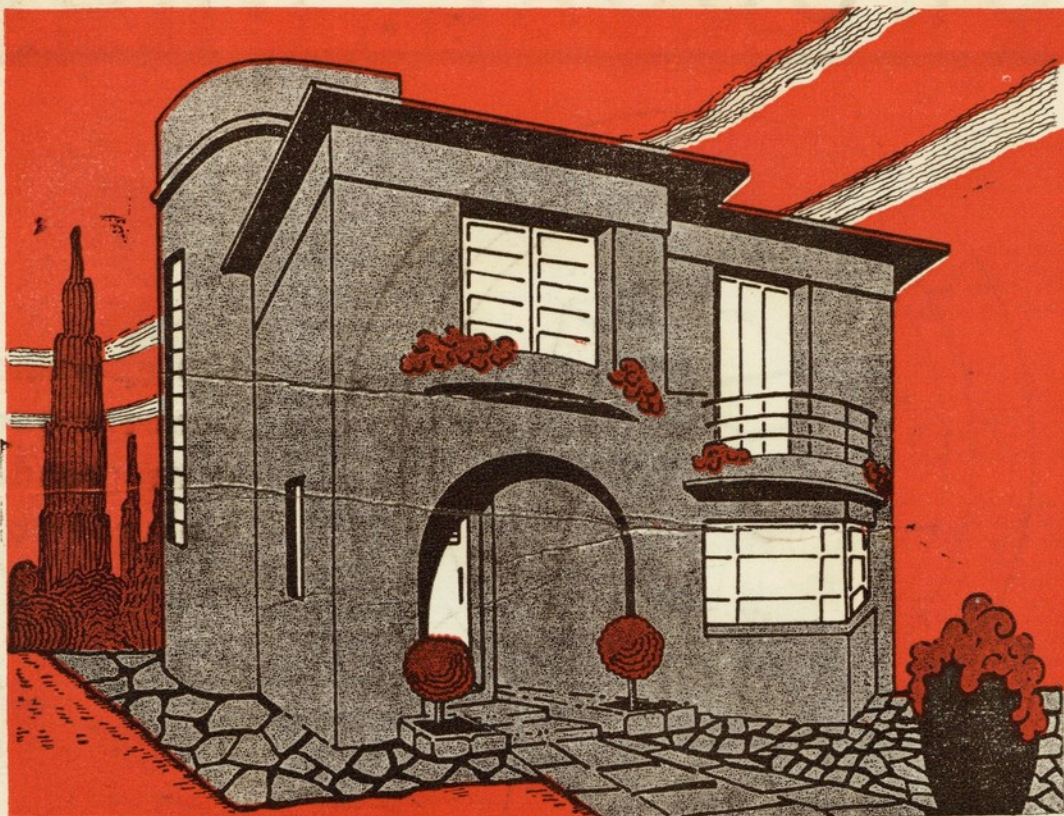
Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.



Sociedade Comercial Luzo Americana, L.^{da}

LISBOA -- Rua da Prata, 145

PORTO -- R. Sá da Bandeira, 339



Projecto do architecto
JOÃO QUEIRÓS

O
PRIMEIRO
PRÉMIO

DO NOSSO
NÚMERO
DE VERÃO